



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

HISTÓRIAS E POEMAS
DE
TERROR

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE
VOL. V

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-97800-1

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A MOÇA DO VESTIDO AZUL, POR ISABELA A. RIBEIRO, PÁG. 05

PADRE LÁZARUS, POR ANTONIO MANSUR, PÁG. 10

NOTÍVAGO, POR FÁBIO DE BARI, PÁG. 15

DIAS FELIZES, POR FÁBIO DE BARI, PÁG. 21

O PESCADOR DE ALMAS, POR FÁBIO DE BARI, PÁG. 28

SUSSURRO DAS ÁGUAS, POR HERBERT WEIL, PÁG. 35

O DESPERTAR DO BOSQUE SOMBRIO, POR JANETE SANTOS SILVA, PÁG. 42

MARCOS E SUA PRIMEIRA MENINA PÁSSARO, POR MARCOS FELIPE ANDRADE, PÁG. 48

LAMENTOS NA NOITE ETERNA: O BAILE MACABRO DA LUA, POR MARIA EDUARDA B.S, PÁG. 53

A BOTIJA DO FANTASMA DA LADEIRA, POR MAX MOREIRA, PÁG. 55

HORROR ALADO, NEY ALENCAR, PÁG. 61

FILME DE TERROR, POR SELMA LUANNY, PÁG. 65

ESPELHO QUE NÃO QUERO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 67

INVEJA E MALEFÍCIO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 69

A BRUXA A NÃO CABER EM MIM, POR SELMA LUANNY, PÁG. 71

A SOMBRA DA NOITE DA LUA NEGRA, POR SIONY RODRIGUES, PÁG. 73

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 76

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

HISTÓRIAS E POEMAS
DE
TERROR

PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE
VOL. V



APRESENTAMOS O CONTO A MOÇA DO VESTIDO AZUL

POR ISABELA A. RIBEIRO

Isabela Ribeiro publicou seu primeiro livro em 2019 quando formou-se na Faculdade de Direito. Outros três livros vieram depois, dentre eles, dois romances e um infantojuvenil entre os mais vendidos da Amazon, juntamente com o perfil de escrita no Instagram @hobbynoturno que não para de crescer.

Como sempre gostou de ler, escrever aconteceu naturalmente e, é hoje, o que mais gosta de fazer.

A palavra da noite era “último”.

O último andar do prédio era também o meu último suspiro.

Minhas últimas pulsações, meus últimos segundos, enquanto meu coração batia desgovernado no peito, prevendo o que eu estava prestes a fazer, clamando por socorro, implorando pela sobrevivência.

Eu não tinha nada a perder disse, mas parece que meu corpo ainda acreditava em algo, lá no fundo, ele implorava pela vida que nos destruiu. Nem sempre foi assim, é claro, mas as coisas estavam difíceis demais.

Quando fracassamos, esperamos algo parecido com merecimento, algum momento em que você não se dedicou o suficiente, que você não trabalhou o suficiente, que você não se entregou de corpo e alma. Mas não foi o que eu vi.

Parece que o destino estava me pregando uma peça.

Tudo o que eu tentava fazer dava errado. E para ajudar, fui colocado neste corpo que não reconheço, que reage e tem instintos que vão para um lado quando o caminho é o outro. Eu lutei com eles, é isso o que você precisa desejar, é isso o que você precisa achar bonito, é isso que precisa te excitar, seu idiota.

Nunca adiantou, eu não tenho controle sobre o que ele sente mesmo quando meu cérebro racional e sensato sabe que o outro caminho é muito mais seguro e menos doloroso.

Talvez Deus tenha me esquecido.

Ele tem tantos filhos, não tem?!

Ou talvez Ele tenha me superestimado, me dado um fardo que eu não aguento mais carregar. No topo do prédio, subi na mureta tantos metros distante do chão, bastava escorregar, um tropeção e a dor dilacerante acabava. Era uma troca que me parecia boa, alguns minutos de agonia e sofrimento antes da morte, trocados por sabe-se lá quantos anos sentindo a dor que sinto, cortante, lenta, sugando tudo o que se parece com vida aqui de dentro.

Quando eu era criança costumava gostar de pássaros, um dia vi um pássaro azul pousar na janela da minha sala no escritório, isso antes de ser demitido porque meu corpo idiota reagiu ao meu chefe muito bem casado com uma mulher que parecia uma escultura, o pássaro se apoiava em uma perna só, como se estivesse prestes a brincar de

amarelinha, ele movia a cabeça rápido, para lá e para cá. Depois voou, foi o dia em que desejei mais do que tudo voar também.

E estou prestes a ter meu primeiro e último voo.

Será especial.

Antes pedi desculpas a Deus por decepcioná-lo, como uma criança que não consegue terminar uma lição de casa. Vi viaturas começando a apontar lá embaixo, ainda bem que me lembrei de trancar a porta por onde entrei com uma barra de ferro que encontrei no chão.

— Não faça isso.

Com o susto eu quase voei de uma vez, mas recuperei o equilíbrio.

Olhei para ela, uma moça que usava um vestido de cetim azul, tinha curvas acentuadas e um cabelo black power cheio de cachos, ela tinha olhos tão azuis que pareciam vidro.

— Quem é você? — perguntei.

Ela deu um passo na minha direção, estava estranhamente calma para a situação.

— Eu vim te impedir de fazer essa besteira - ela respondeu ainda tranquila.

— Já estou decidido, vai embora! - gritei, depois voltei a mirar o chão e calcular a distância do meu último voo.

— Você não tem que carregar sozinho.

Tomei outro susto que quase me derrubou, ela agora estava ao meu lado, apoiando as mãos na mureta de onde eu pretendia me atirar, seus olhos fitavam a noite escura. Levei a mão ao peito.

— Você quer me matar de susto? — perguntei sem pensar.

— Eu não, mas você não se importaria tanto assim, não é mesmo?! - Agora ela me encarou com seus olhos de vidro e senti meu corpo arrepiar, uma onda gelada o atravessou. Ela voltou a olhar para a noite. - Estão te assistindo, todos eles, inclusive os que esperam que você fracasse, eles podem nos ver nas câmeras do prédio.

— Vai ser rápido — disse olhando para ela, percebi que a moça estava de pés descalços.

— Talvez não seja — ela respondeu sem me olhar.

— Como entrou aqui? — perguntei — Eu tranquei a única porta.

— Há muitas formas de se entrar na vida de alguém se quer saber.

— Você não fala coisa com coisa — respondi irritado.

- Você não tem que carregar sozinho.
- Do que está falando agora? — Me irritei mais uma vez.
- Do fardo, aquele que você acha pesado demais, eu posso te ajudar a carregar.
- Como sabe sobre isso? — Eu estava começando a me assustar.
- Seu corpo quer viver, Alan, quer tanto quanto você já desejou alguns dos seus amigos.

Desci da mureta, eu estava tremendo por inteiro.

- QUEM É VOCÊ? COMO SABE MEU NOME? - gritei.
- Você já me conhece, só precisa se lembrar.

Passsei a mão pelos cabelos pretos, com alguns fios precocemente grisalhos, não era para menos com tanto estresse. Continuei encarando aqueles olhos de vidro.

- Eu me chamo Birdie - ela disse e abriu um sorriso de dentes brancos e cintilantes.
- Por que está fazendo isso comigo? Por que não me deixa terminar o que vim fazer?!
- É o que estou tentando, deixar que você termine o que veio fazer aqui, impedi-lo de interromper isso nesta noite, impedir que seus dias ruins sejam os únicos dias que você conhecerá.
- E por que você se importa? — perguntei.
- Porque eu vejo que você ainda quer viver, é o que diz esse seu coração implorando por misericórdia.
- Mas eu... tenho desejos por...
- Eu sei. E está tudo bem.
- Como eu posso voltar agora? Todos estão me assistindo, vou decepcionar até mesmo a morte!
- Que bom que vai, se eles não ficarem orgulhosos do que você fez, por que a opinião de quem deseja a sua morte deveria importar?

Eu recuei, e de repente não me sentia mais tão corajoso para voar.

- Você é estranha, mas está certa... eu acho.

Respirei fundo.

- Você vem comigo?
- Eu vou ficar mais um pouco, mas você pode me chamar sempre que quiser.
- Então tá, boa noite... Birdie.
- Boa noite, Alan.

Caminhei até a porta e retirei a barra de ferro colocada por um “eu” desesperado minutos antes. Encontrei algumas pessoas com machadinhas e pedaços de madeira, provavelmente estavam prestes a arrombar a porta.

— Tudo bem, vocês não precisam mais disso, agradeçam a moça, ela me convenceu. - Apontei com meu polegar a mulher atrás de mim.

— Que moça? — Um dos homens perguntou e me virei, ela não estava mais lá, provavelmente tinha ido embora pela mesma porta secreta que entrou.

Desci pelo elevador, ao passar pela portaria algo me ocorreu, eu gostaria de encontrá-la de novo. Perguntar algo sobre ela, quem sabe chamá-la para um café.

— Com licença, Senhor, você por acaso sabe o nome da moça? — perguntei ao porteiro que acompanhou os últimos acontecimentos pelas câmeras.

— Que moça? — Ele fez uma cara confusa.

— A que estava comigo, ela me convenceu a não pular.

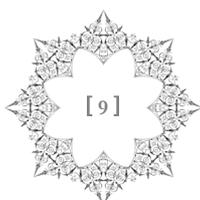
O homem arregalou os olhos e depois os desviou por um momento, batucou com os dedos na mesa, enquanto parecia estar pensando no que dizer.

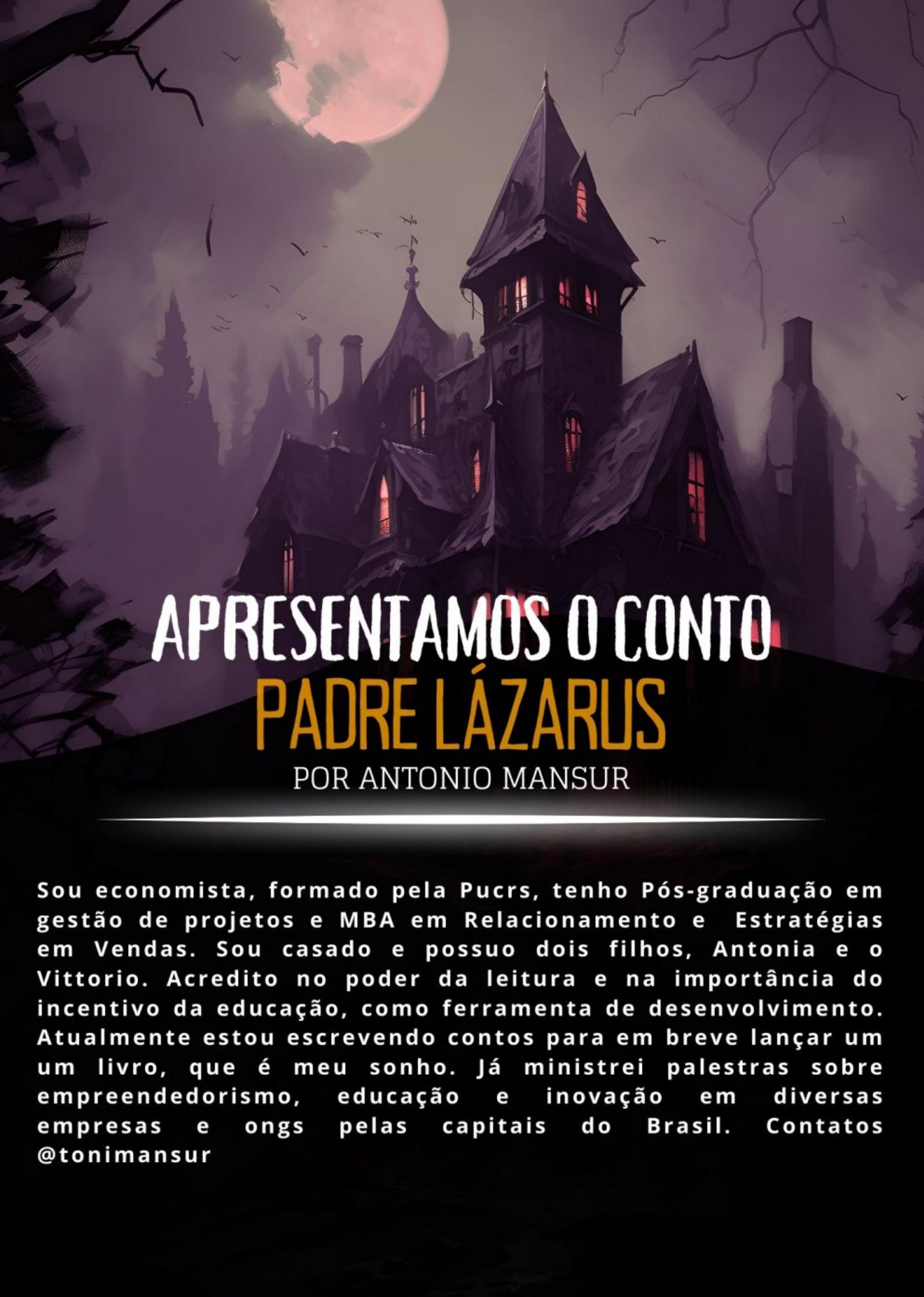
— Ela estava com um vestido azul, descalça, o nome dela era Birdie - reforcei.

— Senhor — ele virou a tela do monitor para que eu pudesse ver também —, você esteve sozinho o tempo todo naquele telhado.

Arregalei os olhos enquanto via uma versão minha em preto e branco falando sozinho. Descendo da mureta, fixando o olhar em um ponto específico. Estremeci e uma onda gelada atravessou meu corpo pela segunda vez, fiz que sim com a cabeça, e estava prestes a ir embora assustado quando o porteiro me disse:

— Senhor, você sabia que Birdie significa passarinho em latim?





APRESENTAMOS O CONTO PADRE LÁZARUS

POR ANTONIO MANSUR

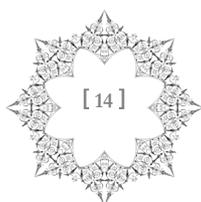
Sou economista, formado pela Pucrs, tenho Pós-graduação em gestão de projetos e MBA em Relacionamento e Estratégias em Vendas. Sou casado e possuo dois filhos, Antonia e o Vittorio. Acredito no poder da leitura e na importância do incentivo da educação, como ferramenta de desenvolvimento. Atualmente estou escrevendo contos para em breve lançar um livro, que é meu sonho. Já ministrei palestras sobre empreendedorismo, educação e inovação em diversas empresas e ongs pelas capitais do Brasil. Contatos @tonimansur

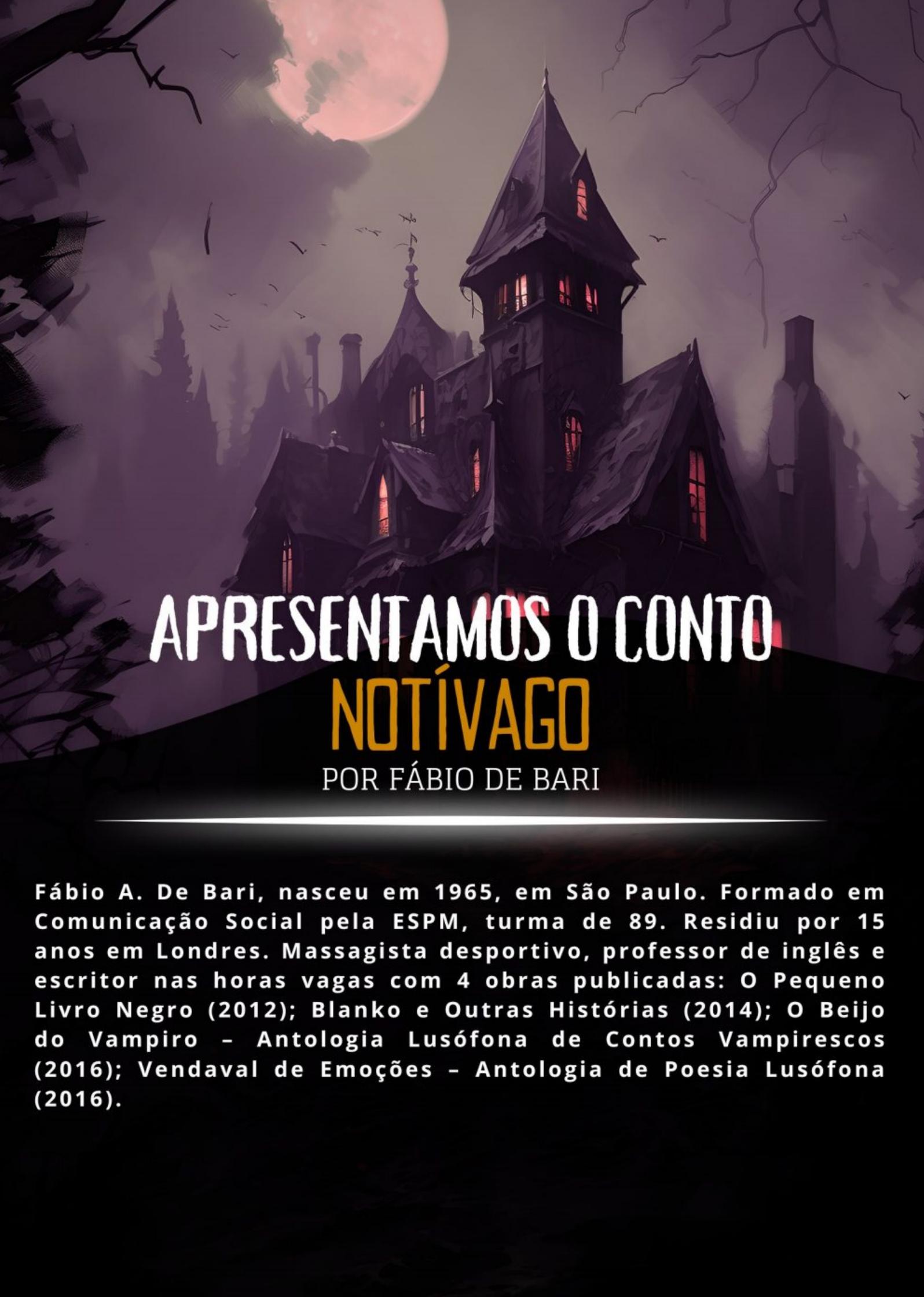
O Padre Lázarus era um homem de fé, dedicado aos princípios da igreja e à doutrina litúrgica, estava sempre disposto a ajudar os mais necessitados. Vivia na histórica ilha de Harris na Escócia, no mosteiro de *St Clements*. Construído em pedra, a partir do século XV, pelos primeiros homens que chegaram na região. O mosteiro ficava no alto da colina, no centro de um grande campo de grama verde, mais afastado dali, havia uma pequena plantação de oliveiras de onde podiam ser colhidas olivas frescas para a produção artesanal de azeite, feita exclusivamente pelo padre, com a finalidade de garantir o sustento do mosteiro e da comunidade pobre que ali habitava. A vida no Mosteiro de *St. Clements* era simples e fluía serenamente, enquanto era feita a colheita das oliveiras maduras, pelo padre e alguns moradores da ilha, algo estranho aconteceu. Começaram a sobrevoar toda a área do campo, uma revoada de corvos, enchendo o céu com suas asas escuras corvejando sem parar. Sentindo um arrepio percorrer sua espinha, o padre olhou para o horizonte e também viu nuvens negras se aproximando rapidamente, carregadas de trovões e raios. Sentiu um presságio sombrio diante da iminente tempestade que estava prestes a cair sobre toda a região. Como responsável pela segurança da comunidade, convocou todos os moradores para se refugiarem dentro das paredes sólidas e antigas do mosteiro. Em meio ao caos da tormenta, um raio atingiu uma das oliveiras mais antigas do campo, fazendo-a partir-se ao meio e cair, provocando um estrondo ensurdecedor. As chamas se espalharam rapidamente pelas estepes do campo, consumindo as folhas secas e as árvores, ameaçando se alastrar para o mosteiro. Instintivamente, sem pensar, Lázarus largou o cesto onde depositava as olivas e correu em direção à biblioteca da igreja, vasculhando as prateleiras de madeira de carvalho, encontrou o livro que havia sido passado para ele por várias gerações antigas. Encadernado em couro, as páginas envelhecidas guardavam as profecias, os segredos e a sabedoria de muitos séculos passados. Era um elo de ligação com a história do local e com os segredos mais profundos da ilha. Com as mãos trêmulas, o padre abriu o cadeado com a chave que sempre carregava junto ao seu escapulário de prata, nas primeiras páginas do livro, em voz baixa, declamou algumas palavras em latim. Seus olhos se arregalaram quando percebeu que no texto do livro, havia uma passagem que descrevia aquele momento. Enquanto seus olhos percorriam as palavras escritas, percebeu a gravidade da situação. Não era apenas uma simples coincidência, já era hora de cumprir com seu destino de proteger a humanidade e o vilarejo dos horrores do apocalipse que continha nas escrituras. A profecia mostrava que

os portões das trevas estavam se abrindo, as criaturas mais horrendas e abomináveis tinham o objetivo de derrubar o último mosteiro sagrado, e contudo seu guardião, liberando o portal das trevas. Liderados por uma força destrutiva e maligna chamada *Kali* a deusa da destruição. Treinado a vida toda como padre e sigilosamente como cavaleiro guardião do livro sagrado, era o último da sua linhagem. Sentiu uma chama de determinação queimando dentro de si quando lembrou-se da armadura sagrada preservada na cripta da igreja. A armadura era uma relíquia valiosa, passada por gerações de cavaleiros protetores do mosteiro, uma linhagem dedicada a proteção e ao combate contra as forças das trevas. Acendeu uma tocha para iluminar o caminho escuro. O cheiro de terra úmida impregnava o ar enquanto avançava pelos corredores de pedra até o local da armadura. Abriu uma imponente porta de carvalho maciço que protegia a sala, a cripta estava repleta de relíquias e artefatos sagrados, mas seu olhar foi imediatamente atraído para a armadura, como símbolos sagrados, estava erguida em um pedestal de pedra no centro da sala. Vestiu a armadura, sentindo sua força e proteção divina fluírem através de seu corpo, as peças se encaixavam perfeitamente, como se tivessem sido feitas especialmente para ele. Aquele ato era sem dúvida um momento solene, pois ali, tornava-se de fato o último dos *Cavaleiros das Sombras*. Junto ao local havia um elmo e uma espada de prata, com uma lâmina fina com os seguintes dizeres em latim; *Lux semper malum vincet* (A luz sempre vencerá o mal). Sentindo a energia ancestral pulsando em suas veias, o padre Lázarus emergiu da cripta, pronto para enfrentar as forças sombrias que ameaçavam a paz da humanidade. A armadura sagrada era sua proteção, sua conexão com os cavaleiros que vieram antes dele. Estava disposto a honrar o seu legado. A tempestade rugia lá fora, a escuridão tomava conta de todo o vilarejo. Já do lado de fora dos portões de entrada da igreja, um ataque inesperado de corvos gigantes demoníacos com olhos vermelhos e asas negras dilaceradas, mergulhavam dos céus tentando perfurar a armadura com suas garras afiadas. Reerguendo sua espada reluzente, que cortava o ar, os golpes iam retalhando as criaturas voadoras. Seus movimentos eram precisos, cada giro da lâmina emanava uma luz radiante capaz de dissipar as sombras ao seu redor. Os golpes cortavam as criaturas que se dissolviam pelos céus, lançando os corvos de volta para as profundezas das trevas. Na medida em que ia exterminando as criaturas voadoras, outras criaturas grotescas emergiam do solo. Suas formas distorcidas e sinistras pareciam antigos guerreiros, mas tinham garras afiadas como lâminas, pele escamosa e olhos brilhantes cheios de ódio e voracidade. O guerreiro não hesitava. Ele enfrentava as criaturas de frente, desviando de

seus ataques com agilidade e habilidade de combate. Com cada investida, Lázarus com sua espada, atingia as criaturas que logo se partiam em pedaços. A batalha era intensa, os sons do metal contra as criaturas e o estrondo da tempestade misturavam-se em um turbilhão caótico, mas o cavaleiro mantinha sua determinação inabalável e seu foco o guiava em meio ao caos. A luz emanada pela armadura parecia ter um efeito enfraquecedor sobre as criaturas. A medida que mais seres do mal se aproximavam, a luz divina do guerreiro se tornava ainda mais brilhante, irradiando esperança e coragem. Enquanto a batalha se prolongava, Lázaro sabia que não poderia vencer apenas com sua habilidade de combate. Foi então que procurou invocar, através das preces mais antigas, a energia que faltava. O som de suas palavras sagradas ecoava pelo campo de batalha, e a luz brilhava ainda mais intensamente, formando uma barreira protetora ao seu redor. A luta contra os corvos demoníacos e as criaturas grotescas havia sido vencida, mas o pior ainda estava por vir, enquanto se recuperava, uma aura sinistra pairava no ar. O céu escureceu por completo e uma figura sombria surgiu no horizonte. Era uma poderosa bruxa necromante, com longos cabelos negros e olhos cintilantes como a noite mais escura, a bruxa voava pelo céu abrindo duas enormes azas como de um abutre e uma capa negra esvoaçante, era a Kali. Seu riso agudo ecoava pelo campo de batalha, com certeza chagara o último. Destruir o guardião e o mosteiro era a chave para que a profecia apocalíptica se realiza-se. As forças de Kali ultrapassavam qualquer coisa que o Cavaleiro já havia enfrentado. Erguendo novamente sua espada em prontidão, seus olhos ficaram fixos na bruxa enquanto ela se aproximava. Ele sentiu a energia escura tentando penetrar em sua mente, mas sua fé e determinação o protegiam contra as influências do mal. A necromante desferiu vários feitiços poderosos em direção ao guerreiro. Por onde ela passava, os objetos caídos se transformavam em armas voando em direção ao padre, com movimentos rápidos e precisos, conseguia desviar-se dos ataques. O brilho de sua armadura era como a luz do sol, protegendo-o contra a magia negra. Determinado a enfrentar a guerra, o cavaleiro da sombra avançou com passos firmes empunhou sua espada com toda a força, buscando o momento perfeito para atacar. Cada movimento seu era estratégico, a bruxa, continuava lançando feitiços em sua direção tentando envolvê-lo com os poderes das trevas. Um dos feitiços da bruxa atingiu o peito de Lázarus, que já sem o seu elmo, foi jogado contra uma grande árvore caída, o impacto fez com que ele ficasse muito enfraquecido e desacordado junto as grandes raízes da árvore. A bruxa invocando os poderes mais obscuros, concentrou todas as energias do mal em um último

golpe com suas garras para aniquilar de vez o protetor do portal. Ainda caído, um faixo de luz vindo dos céus cortou a escuridão e cobriu o corpo de Lázarus, levantando-se lentamente, através de um movimento ousado, avançou desferindo um golpe certo e cravando sua espada no peito da Bruxa, encontrando a pele pálida da necromante. A luz da lâmina penetrou seu corpo fazendo explodir a escuridão e enfraquecendo seu poder. Kali soltou um grito atordoado, suas asas negras batiam lentamente em agonia até parar totalmente. Ainda tentou resistir, mas o poder da luz da espada era infinitamente maior. Na medida em que o corpo maléfico caía em direção ao solo, esvaía-se como uma nuvem de fumaça evaporando-se, o padre ainda muito ferido, respirou mais aliviado. A energia do mal que antes dominava o ambiente começou a sumir lentamente, substituída por uma aura de calma e tranquilidade. Ajoelhou-se no chão, apoiando-se em sua espada. Seus joelhos afundavam na terra, fechou os olhos e agradeceu aos antigos cavaleiros por protegê-lo na batalha mais importante de todas contra as forças do submundo. Enquanto se recuperava, um garoto se aproximou, abraçou o guerreiro e disse em voz baixa “a luz sempre vence o mal”. Havia ali um novo escolhido entre eles para ser treinado e seguir a linhagem dos cavaleiros das sombras.





APRESENTAMOS O CONTO NOTÍVAGO

POR FÁBIO DE BARI

Fábio A. De Bari, nasceu em 1965, em São Paulo. Formado em Comunicação Social pela ESPM, turma de 89. Residiu por 15 anos em Londres. Massagista desportivo, professor de inglês e escritor nas horas vagas com 4 obras publicadas: O Pequeno Livro Negro (2012); Blanko e Outras Histórias (2014); O Beijo do Vampiro - Antologia Lusófona de Contos Vampirescos (2016); Vendaval de Emoções - Antologia de Poesia Lusófona (2016).

Um choro de criança pequena que atravessa as paredes e não se tem ideia de onde possa estar vindo. Uma brisa delicada que invade o recinto pelas frestas do vitrô como um assobio fantasmagórico que, algumas vezes, é forte o suficiente para arrancar os quadros da parede. Os estalidos nas armações de metal das janelas que aumentam quando a queda na temperatura é brusca e faz gemer as dobradiças dos armários. A estranha movimentação, no andar de cima, que provoca arrepios quando ecoa nos recôncavos escuros dos quartos desocupados no fim do corredor. Cada um desses ruídos, todos eles juntos, emprestam vida ao meu apartamento.

Enquanto o sono não vinha, estatelado no sofá da sala, tentava entender cada um dos sons ao meu redor.

De repente, o estrondo de uma porta batendo me fez recolher os pés do chão, engolir em seco a minha indignação, abrir os olhos.

O relógio na parede da sala marcava três horas da manhã. A TV ainda estava ligada e uma mariposa, encantada pela luz bruxuleante que emanava do aparelho, mostrava-se mais e mais frenética após cada nova tentativa frustrada de entrar pela tela azulada; o som surdo das suas cabeçadas contra o vidro era apenas mais uma distração a perturbar o silêncio em que a sala estava mergulhada. Assim que vários outros insetos começaram a se juntar a ela, em uma dança frenética que só faz sentido aos insetos do mundo, puxei a tomada da parede para acabar com o baile.

Estava atrasado.

Toda noite, antes da décima-segunda badalada do sino da igreja local, posicionava-me estrategicamente entre os lençóis floridos e as calças jeans desbotadas penduradas no varal para vigiar toda a extensão do corredor localizado logo atrás dos edifícios e surpreender o suspeito de tentar invadir apartamentos no térreo. A escuridão podia estar do seu lado, mas também era minha forte aliada nos longos períodos de vigília.

Noite após noite, com os olhos em chama de tanto forçá-los a enxergar na escuridão, mantinha-me focado abrindo buracos na tela de proteção para afastar o tédio.

Lá pelas tantas, quando a estridente melodia das investidas amorosas dos gatos de rua já havia perdido todo o seu charme e sedução para se transformar em uma algazarra sobre os telhados de zinco da vizinhança, a minha única certeza era que não

seria fácil dormir depois de ter sido chamado de louco durante a reunião de condomínio. Como puderam me acusar quando tudo o que eu mais desejo é voltar a dormir depois de quase três meses inteiros sem conseguir mais do que três ou quatro horas ininterruptas de sono por noite?

Eu não sei exatamente o que esperava encontrar quando olhei pela janela da lavanderia. Meus olhos instantaneamente se perderam na agitação interessante com que o vento forte castigava os abacateiros e empurrava os arbustos contra o muro que circunda toda a extensão do condomínio. Quando estavam mais adaptados à escuridão, percebi que o vulto sinistro, dessa vez, confundia-se com a vegetação, mas perdia a proteção da noite toda vez que a ventania rearranjava a disposição das plantas.

Um abacate maduro despencou do pé e explodiu contra a cobertura de zinco para afugentar os gatos e acordar os cães da vizinhança. O estardalhaço que causou me fez saltar para trás de susto. Quando voltei a focar no jardim, o vulto já havia se tornado apenas outro borrão na escuridão.

...

Os moradores mais antigos têm histórias horripilantes para contar sobre o condomínio mais assustador da capital. Falam das lâmpadas que acendem e apagam sozinhas nos momentos mais inoportunos; das escadas mal iluminadas que ninguém se atreve a usar; condenam as rajadas de vento encanado que entram por baixo das telhas e as fazem uivar no meio da noite. Para mim, nada pode ser mais assustador do que ter o conforto da minha privacidade ameaçada. E talvez tenha sido isso que tenha me feito descer as escadas de incêndio para confrontar quem quer estivesse se escondendo nas sombras das árvores. Em ocasiões como aquela o confronto direto é, com certeza, a melhor defesa. Então, naquele momento, empunhando um cabo de vassoura, eu era um espadachim preparado para fazer justiça com as próprias mãos.

Após descer três lances de escada, cheguei ao pátio iluminado. Ao invés de seguir em frente e ganhar acesso às garagens, dobrei à direita e me deparei com a escuridão implacável do corredor. Alguns felinos continuavam firmes na sua busca pelo amor. Como condenar tanta lascívia, uma vez que eles nada mais fazem do que dar vazão ao seu impulso natural? Afinal, convenhamos, as madrugadas pertencem às criaturas da noite! Pares de olhos brilhantes me vigiavam de cima dos quase quatrocentos metros de muro que cercava toda a extensão da propriedade. A ventania parecia ter danificado a maior

parte das lâmpadas, o que só serviu para acentuar ainda mais o tom lúgubre do lugar. Alguns raros pontos de luminosidade ao longo do corredor emanavam de apartamentos e projetavam formas geométricas de claridade no muro.

Com a geografia do corredor em mente, precisava evitar os desníveis do terreno, as estruturas de concreto e as tampas metálicas, no chão, assim como ficar atento para a chuva de abacates podres que bombardeava o terreno e, claro, manter distância dos espinhos do roseiral que estavam por toda parte!

Assim que meus olhos se acostumaram à penumbra, avancei com passos tímidos para não tropeçar e, devagar, fui me familiarizando com tudo que, até aquele momento, eu só tinha visto mesmo da janela do meu apartamento, no terceiro-andar.

Eu precisava ser cauteloso, pois se a presença do vulto não era mais segredo para mim, a minha presença, certamente, não devia mais ser segredo para ele.

...

De repente, o som inusitado de um grunhido fez com que eu me aproximasse da janela de um dos apartamentos e, com as pontas dos dedos, separasse as duas bandas da cortina até conseguir avistar uma mulher enorme, de olhos esbugalhados que, com o dedo indicador em riste, ameaçava um garotinho. Ela parecia acusá-lo de alguma coisa grave e, entre um xingamento e outro, aproveitava para acertá-lo no topo da cabeça com golpes de mão aberta.

À criança, acuada entre a geladeira e o fogão, não era permitido nem chorar. O menino tentava se proteger como podia da incessante saraivada de tapas estalados que chegavam a arder na minha pele, como se fosse eu, e não ele, quem estivesse sendo golpeado repetidamente.

— Você deveria estar envergonhado por trair a confiança da sua mãe — dizia ela.
— Engole o choro!

Bem próximo aos dois, entre cacos de vidro e talheres, dezenas de moedas espalhadas pelo chão davam uma pista do que desencadeara a ira da mulher.

— Somos apenas nós dois neste apartamento, nós dois, ouviu? Se eu não peguei as moedas, só pode ter sido você, mentiroso!

Testemunhar violência tão grande contra uma criança tão pequena e indefesa me fez duvidar que tamanha demonstração de agressividade fosse proporcional ao crime cometido por ela.

— Engole o choro! — repetia a agressora.

Eu sabia que o garotinho queria gritar, queria correr, fugir para bem longe, mas, por medo, continuaria suportando bravamente a avalanche de agressões e a torrente de ofensas que não cessavam nunca. Os psicólogos e os psiquiatras que dessem tudo de si para consertá-lo mais tarde!

Com os olhos cheios de água, o menino tentava se esquivar como podia, mas a mulher, com uma das mãos afastava seus bracinhos para acertá-lo em cheio na boca e nas bochechas.

Quando finalmente se deu conta de que um fio de sangue vermelho escorria dos lábios do menino, a mulher voltou a si. Um pouco mais controlada, ajoelhou-se junto a ele e, antes de beijar-lhe os ferimentos, passou a sufocá-lo em um abraço apertado, cheio de remorso.

— Você precisa entender que o mundo não o perdoará — continuou ela. — Quando você errar, e todo mundo erra uma hora ou outra, terá que pagar pelos seus atos. Aí, você vai se lembrar de mim, e terá saudades da pessoa que mais te ama neste mundo. Se tudo der certo, um dia, quando tiver seus filhos, vai me agradecer pela lição que está recebendo hoje.

Um som inusitado me fez desviar o olhar, e perceber a minha própria sombra refletida no muro atrás de mim. Então, afastei-me um pouco da janela para não ser flagrado na minha indiscrição. Quando tornei a fechar um dos olhos para continuar espionando, havia um olho enorme, vermelho de raiva, encarando-me de volta pela fresta entre os panos das cortinas. Saltei para trás, tropecei em algum desnível do terreno e acabei estabacado no chão frio de concreto.

A janela foi fechada rispidamente e a luz do apartamento apagada logo em seguida. Precisei ficar onde estava por alguns minutos até que meus olhos voltassem a se ajustar à escuridão.

De repente, um emaranhado de folhas foi apanhado por um redemoinho de vento frio e içado às alturas para fazer chover sobre mim. Novas rajadas começaram a maltratar o corredor. E foi então que percebi que na minha ânsia de encarar o invasor que andava assombrando o condomínio e provar para todo mundo que eu não era tão louco quanto pensavam que eu era, estava espionando meus vizinhos, tarde da noite, vestindo apenas um par de cuecas e botinas. Aquilo não podia ser bom para a minha reputação! Como não conseguia mais avistar o vulto, deixei-me convencer pelo frio da madrugada a abortar a missão.

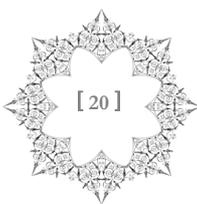
A porta do meu apartamento estava escancarada, exatamente como eu a havia deixado minutos antes.

Eu prefiro manter as janelas fechadas, o cheiro das damas-da-noite, os morcegos e as baratas do lado de fora.

Uma nova lufada de vento gelado fez com que as roupas do varal, na lavanderia, batessem no teto e a porta no fim do corredor desandasse a abrir e fechar.

Fui para a cama com os pés sujos e o choro daquele menino reverberando na minha mente.

Talvez os outros condôminos não estejam tão errados assim e eu seja mesmo um louco por pensar que tudo pode voltar a ser como nunca foi.





APRESENTAMOS O CONTO DIAS FELIZES

POR FÁBIO DE BARI

Fábio A. De Bari, nasceu em 1965, em São Paulo. Formado em Comunicação Social pela ESPM, turma de 89. Residiu por 15 anos em Londres. Massagista desportivo, professor de inglês e escritor nas horas vagas com 4 obras publicadas: O Pequeno Livro Negro (2012); Blanko e Outras Histórias (2014); O Beijo do Vampiro - Antologia Lusófona de Contos Vampirescos (2016); Vendaval de Emoções - Antologia de Poesia Lusófona (2016).

— A última vez que vi meu amigo ainda não podíamos ser julgados como adultos. Ele corria porta afora gritando para quem quisesse ouvir que aquilo não ficaria assim, que com ele era diferente! Tinha um par de luvas de boxe em volta do pescoço e empunhava uma bengala de peroba maciça acima da cabeça como se fosse uma espada. “Idiotas!”, costumava vociferar, só para ouvir o som da sua própria voz. Para Victor o mundo era repleto de idiotas. Aquilo não acabaria bem. Eu o conhecia desde os meus oito anos de idade e sabia muito bem do que ele era capaz!

Um dos homens do outro lado da mesa, com um rápido aceno da mão, pediu-me que continuasse.

— Pois bem, geralmente nos encontrávamos na velha academia do bairro e, depois de algumas horas de treino intenso, gastávamos nossa grana com hambúrgueres em uma lanchonete, ali perto. Uma ou duas vezes por semana, íamos às casas de viração no centro da cidade, onde costumávamos ficar até altas horas. Ninguém bebia como Victor. Ninguém brigava como Victor. Ninguém falava com garotas como Victor falava com garotas. Acho que o segredo estava em seus olhos, como pareciam ter o poder de arrancar almas alheias pela boca. Eu o “admirava” e, se me permitem um aparte, dividia muitas das suas opiniões sobre o mundo. A vida costumava ser bem mais simples naquele tempo. Dias felizes.

O segundo homem fazia caras e bocas, e era fácil perceber, por seus sorrisinhos sarcásticos, quando pensava ter algo em que pudesse cravar os dentes. Comportava-se como se estivesse disputando uma partida de xadrez e todas as suas contribuições vinham depois de muita premeditação.

— Lembro-me da primeira vez que Victor apareceu com uma moto, como ficou acanhado quando lhe disse que meus pais jamais teriam como comprar uma igual para mim. A partir daquele dia, passamos a cruzar a cidade e, de vez em quando, íamos ao bairro vizinho provocar nossos desafetos, mas era só diversão! Naquela época, Victor já namorava com Rita, e, quanto mais as coisas esquentavam entre eles, mais eu era deixado de lado. Rita tinha uma câmera fotográfica e a carregava para todo lado. Revelava as fotos no laboratório improvisado do seu avô. Ai de quem tentasse entrar no quarto escuro sem a sua permissão! Saíamos sempre muito bem nas suas fotos: cabelos compridos, cigarros no canto da boca, cara de mau... rebeldia em preto e branco. Quando fui chamado para depor no caso do garoto morto no parque, eu não podia ajudar em nada.

Eu não conhecia o garoto, conhecia Victor! Havia um pacto de sangue entre nós. Não se quebra um pacto com o diabo, certo?

Foi justamente aí que o primeiro detetive começou a exibir sinais claros de que alguma coisa o estava incomodando. Daquele momento em diante, passou a aproveitar cada uma das minhas pausas para se endireitar na cadeira, antes de me pedir que prosseguisse.

— Um dia, enquanto tomava o meu café da manhã, vi no boletim local as imagens de uma rebelião, em um desses milhares de presídios que nem sabemos onde ficam. A fuga em massa estava sendo coordenada por um criminoso que mantinha agentes de segurança como reféns. O meliante escondia-se por trás de uma balaclava improvisada, mas eu reconheceria aquela caranguejeira tatuada no lado esquerdo do seu peito em qualquer lugar. Aí, naquele instante, a casa foi invadida por um grupo de crianças, amiguinhos do Lúcius. Todos uniformizados, doidos para jogar futebol, e, eu, esperando para levá-los ao parque, nunca soube o desfecho daquela rebelião. Assumi que havia sido controlada. Não é o que sempre acontece?

O segundo detetive devia ser um péssimo jogador de pôquer. A sua cara era um livro aberto. Eu conseguia prever cada um dos seus movimentos com muita antecedência. Era óbvio que os dois estavam se mordendo de vontade de saltar por cima da mesa e arrancar de mim, no tapa, uma confissão.

— Então, da noite pro dia, Victor simplesmente desapareceu sem dar nenhuma explicação! Eu já tinha um emprego quando isso aconteceu. A grana andava curta lá em casa, e eu precisava fazer a minha parte. Depois de algum tempo, Rita bateu na minha porta com uma suspeita de gravidez. Seus pais não queriam vê-la nem pintada. Não tinha para onde ir. Eu ainda era apaixonado por ela e daí para um pedido de casamento foi um pulo. A novidade causou um rebuliço na minha família, mas meus velhos concordaram em ajeitar a situação desde que casássemos antes que os primeiros sinais de gravidez começassem a aparecer; seria muito constrangedor para o meu pai conduzir uma noiva barriguda até o altar. Duas semanas mais tarde, Rita, de véu e grinalda, em um vestido branco-intransigente, entrou na igreja agarrada ao braço dele como se fosse a mulher mais feliz do mundo. Mentiu para Deus, para seu representante na Terra e para todas as testemunhas ali presentes. Levou o show adiante como somente uma estrela de cinema do mais alto gabarito conseguiria fazer.

Os detetives não tiravam os olhos de cima de mim. Eu quase podia ouvir as engrenagens dentro de suas cabeças trabalhando em alta velocidade, tentando ligar toda a informação que saía da minha boca às pistas inconclusivas que eles deviam ter. Toda vez que um deles ouvia algo que considerava importante, pedia-me para repetir o que eu tinha acabado de dizer, antes de compararem ao que haviam anotado nos interrogatórios anteriores.

— Uma noite dessas, quando estacionava meu carro na garagem, fui abordado por uma versão mais madura de Víctor, agora um cara encorpado, que eu jamais reconheceria pelos trejeitos e, muito menos, pelo exagero de gírias e palavrões que utilizava toda vez que abria a boca. Víctor amassou meus dedos entre os seus e passou por mim dizendo ter fome e sede. Não se nega uma refeição a um amigo de longa data, certo? Enquanto enfiava garfadas de lasanha requentada na boca, e empurrava tudo para baixo com grandes goles do meu melhor Sauvignon, o Aranha, falava de si mesmo na terceira pessoa e de um montão de coisas que eu não conhecia, mas deviam andar atravessadas em sua garganta havia muito tempo.

Nesse momento, sentindo que alguma coisa boa se aproximava, os dois homens do outro lado da mesa arrastaram suas cadeiras mais para perto.

— Era como se o tempo tivesse parado no dia que meu amigo sumiu e, naquele momento, na cozinha da minha casa, todos os relógios tivessem voltado a funcionar. E sabe o que é engraçado, detetives? Apesar dos anos aparte, e dos rumos que nossas vidas tomaram, era obvio que ainda havia uma forte conexão entre nós. Em criança, éramos como carne e unha. Mais tarde, cúmplices, por um tempo. Ao seu lado eu ainda me sentia poderoso. Juntos éramos um exército de duas pessoas!

Minha garganta estava seca demais para continuar. As palavras começavam a sair com mais dificuldade. Já fazia quase duas horas que eu falava ininterruptamente. Merecia um gole de água.

O mais inquieto dos detetives aproveitou-se da minha rouquidão para sair da sala. Ficou fora por alguns minutos e, quando retornou, tinha consigo uma garrafa de água e alguns copinhos descartáveis.

Enquanto os dois, mais uma vez, comparavam anotações, aproveitei para beber quase um litro de água gelada antes de retomar o meu depoimento de onde havia parado.

— Quando os primeiros sinais de embriaguez começaram a aparecer, a conversa com Víctor começou a tomar uma nova direção.

“Você, alguma vez, fez algo tão horrível que te impedisse de ter uma boa noite de sono? Eu fiz várias coisas ruins enquanto tentava me encontrar, agora toda vez que fecho os olhos, carrancas retorcidas estão lá para me assombrar!”

— As pálpebras de Victor pareciam pesadíssimas, ele não conseguiria mantê-las abertas por muito tempo. O seu discurso foi ficando embaralhado, já não faziam nenhum sentido para mim. Ele insistia em falar de uma viagem importante que precisava fazer, mas eu achei que era apenas o álcool falando. Decidi ajudá-lo até o quarto, nos fundos da casa, antes que ele desmoronasse, levando consigo a toalha-de-mesa, os copos e os pratos. Abraçado a mim, enforcando-me em uma gravata com o seu peso descomunal, atravessamos o jardim. Victor continuava a insistir naquela conversa sem-pé-nem-cabeça:

“Ah, meu amigo!”, disse, “A neve nunca para de se acumular no alto das montanhas e um dia vem morro abaixo para soterrar a cidade. Se não estivermos sempre preparados para a avalanche, estamos perdidos!”.

— Posso ser o cara mais devagar do mundo, mas até eu já havia percebido que ele preparava meu espírito para algo grande. E o convite inusitado veio na manhã seguinte, quando fui encontrá-lo na edícula. Cautelosamente, empurrei a porta para não o assustar, mas eu é que fui surpreendido por uma voz ameaçando arrebentar-me a cabeça com uma barra de ferro se eu ousasse dar mais um passo adiante.

“Ah, garoto! Você não iria muito longe no meu mundo.”

“Que mundo é esse?”, perguntei.

“Deixa estar, idiota!”, disse Victor. “Para onde foi todo aquele treino, hein?”, brincou o brutamontes, apertando a minha barriga antes que eu tivesse tempo de murchá-la.

“Eu tenho muita coisa para fazer e quero que você venha comigo!”, disse Victor, do nada.

“Não posso ir com você! Enlouqueceu? Não tenho mais dezessete anos de idade. Estou tão engessado em minha rotina que se tentasse fazer qualquer coisa diferente colocaria a vida de muita gente que depende de mim desnecessariamente em risco. As pessoas têm famílias e obrigações, sabia? Eu devo a elas o mesmo respeito e lealdade que elas têm por mim.”

— Naquele exato momento, a porta se abriu atrás de mim e uma Rita sonolenta entrou na cozinha ajeitando o roupão e prendendo os cabelos compridos em um coque no alto da cabeça.

“Por falar em lealdade, olha só quem os bons ventos acabam de trazer!”, disse Victor, voltando-se na cadeira para encará-la.

— Meio sem jeito, ainda se abotoando, ela falou com ele olhando para o chão. Parecia não acreditar no fantasma que se materializara bem no meio da nossa cozinha. Logo atrás dela, agarrado às suas pernas, vinha o pequeno Lúcius, obviamente intrigado com a presença daquele desconhecido com os braços cobertos de cicatrizes e uma enorme aranha preta tatuada no peito descamisado. Seus olhos grandes pareciam querer saltar das orbitas, e quanto mais Rita se aproximava do estranho, mais o garoto o fuzilava com o olhar antes de voltar a se enfiar entre as vestimentas dela. Pensei que Victor fosse abraçar Rita ao se levantar, mas ele agarrou o menino pela manga da camisa e o forçou mais para perto. Lúcius parecia apavorado, debatia-se, chutava o ar e tentava continuar agarrado às pernas da mãe, mas ao ser erguido até o teto como um saco de batatas, não resistiu e caiu na gargalhada. Enquanto Victor conservava o menino preso, acima de sua cabeça, continuava a buscar os olhos de Rita. Ela, esperta, desviava o olhar e tentava manter uma distância segura entre eles. Por um breve momento, era como se não existisse mais ninguém além deles três naquela cozinha. Victor obviamente não esperava encontrar Rita na intimidade do meu lar. E ela, que se vira forçada a modificar toda a sua vida após o seu súbito desaparecimento, fez o que podia para não demonstrar surpresa, e, por que não dizer, conter a raiva de ter sido abandonada de modo tão brutal pelo único amor confesso da sua vida. Já, para Lúcius, pouco importava quem era quem, se conhecia ou não aquele homem que se fizera tão íntimo de suas costelas magras com tamanha maestria, tinha um novo amigo a quem apresentar todos aqueles brinquedos espalhados pela casa.

Os dois detetives se entreolharam, nada interessados em ouvir aquela parte do meu relato.

— Achei melhor não mencionar o noticiário, apagar da minha mente as cenas horripilantes da rebelião no presídio. Além disso, eu não sabia qual fora o desfecho daquele episódio uma vez que os telejornais nunca mais mencionaram a ocorrência. Tudo podia ter sido resolvido nas entrelinhas e Victor, sei lá, ter recebido um indulto para prosseguir com sua vida em liberdade, como um homem inocente. É claro que eu tampouco podia descartar a possibilidade de alguém, nesse mundo tão cheio de gente, ter uma tatuagem idêntica, na mesma região do peito que Victor tinha a sua! Talvez o cara na TV não fosse ele e todo aquele episódio não passasse de uma terrível coincidência, certo?

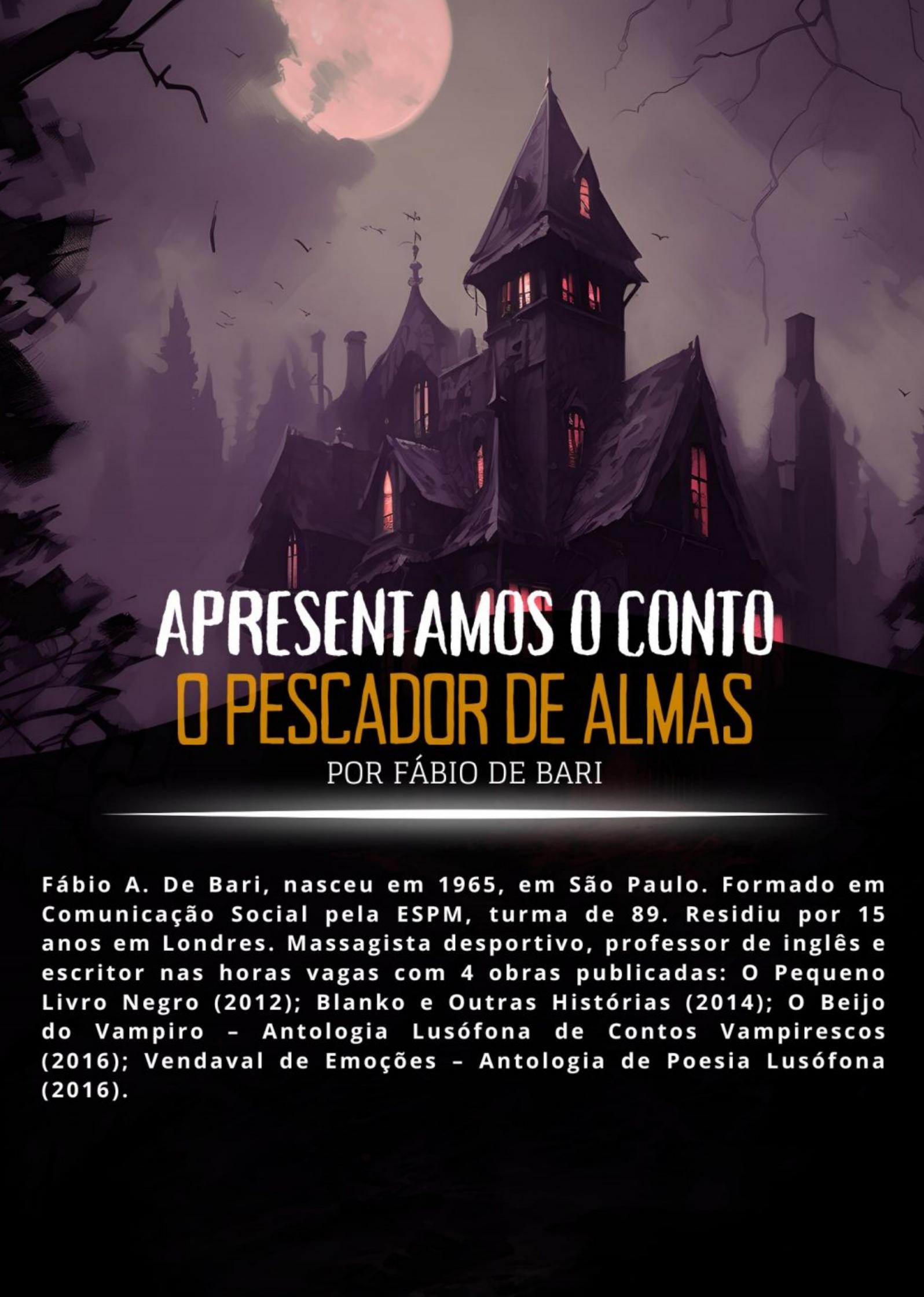
— Coincidências não existem! — decretaram os dois detetives, ao mesmo tempo.

Os dois agora pareciam satisfeitos, mas eu ainda não havia terminado, precisava continuar desabafando:

— As pessoas quando nos veem caminhando lado-a-lado, não conseguem ver semelhanças entre nós (Rita, Lúcius e eu), porque não há semelhanças entre nós! Somos um trio muito distinto. Mas eu sei e vocês sabem: olhos verdes ou olhos azuis geram olhos verdes ou olhos azuis. Certo? Lúcius é o primeiro par de olhos pretos, tanto na minha quanto na família de Rita. Olhos pretos tão profundos que metem medo e parecem esconder dentro de si segredos que não contam a ninguém; olhos tão pretos, profundos e demoníacos quanto os olhos do próprio Victor!

— Procure um exorcista! — disse um dos detetives, antes de fechar a porta atrás de si e me abandonar à minha própria sorte.





APRESENTAMOS O CONTO O PESCADOR DE ALMAS

POR FÁBIO DE BARI

Fábio A. De Bari, nasceu em 1965, em São Paulo. Formado em Comunicação Social pela ESPM, turma de 89. Residiu por 15 anos em Londres. Massagista desportivo, professor de inglês e escritor nas horas vagas com 4 obras publicadas: O Pequeno Livro Negro (2012); Blanko e Outras Histórias (2014); O Beijo do Vampiro - Antologia Lusófona de Contos Vampirescos (2016); Vendaval de Emoções - Antologia de Poesia Lusófona (2016).

Foi um pouco antes do boteco encerrar suas atividades naquela noite que um homem passou pela porta carregando uma sacola de pano que vazava um líquido viscoso e deixava um rastro malcheiroso pelo caminho que era uma ofensa aos sentidos. O sujeito parecia estar em algum tipo de transe. Tinha o olhar vazio. Não piscava nunca. A sua chegada, logo de cara, despertou a atenção do grupo de homens reunidos em torno do balcão; não pelo estado em que se encontrava, mas pelo medalhão em forma de disco, um alvo, em volta do seu pescoço. Nenhum deles se lembrava de ter visto o estranho na região, mas o que o medalhão representava, com certeza, era um mau agouro.

Após entreolharem-se desconfiados, um dos homens se encheu de coragem e perguntou ao recém-chegado o porquê de ele ter as roupas encharcadas em uma noite tão agradável de lua cheia.

O sujeito até tentou responder, mas tudo que tentava dizer parecia querer sair da sua boca ao mesmo tempo. Enquanto gaguejava sempre nos mesmos sons ou palavras, cuspiu umas e engolia outras, e dava a impressão de estar tão ansioso para contar o que havia se passado com ele naquela tarde que esquecia de como organizar os pensamentos antes de convertê-los em um discurso compreensível.

O proprietário — um profundo conhecedor da alma dos frequentadores do seu estabelecimento —, imediatamente concluiu que o estranho devia estar precisando muito de um gole de aguardente e, depois de um aceno e uma piscadela debochada aos membros do grupo, disse que tinha o remédio ideal para aplacar o tremor nas mãos de qualquer homem. Antes mesmo que tivesse terminado de servir uma dose generosa do conteúdo da sua garrafa mais barata, o recém-chegado, esbaforido, tremendo feito vara verde, já havia levado o copo à boca.

Como lava incandescente que desce a montanha destruindo tudo no seu caminho, o líquido vulcânico queimou goela abaixo para despertar o homem do transe, trazê-lo de volta ao mundo dos vivos. Ele cuspiu e blasfemava em um dialeto estranho, mas não totalmente desconhecido por aquelas bandas.

— Que diabo é isso que você me serviu? — disse o recém-chegado, cuspidando repetidamente para se livrar do ardor que começava na ponta da sua língua e terminava em uma bola incandescente no seu esôfago.

— Essa é uma das caninhas mais bravas que eu tenho atrás do balcão. Achei que você estava mesmo precisando de um choque para acalmar os nervos!

O proprietário do boteco ria. Os homens do grupo, riam. O escárnio do grupo persistia, alheio à agonia do recém-chegado. Até que ele deu a volta no balcão e, com as mãos em concha, começou a beber água com sabão empossada dentro da pia.

Quando levantou a cabeça para encarar o grupo, os olhos do recém-chegado estavam em brasa e lacrimejavam muito, mas, mesmo assim, ele parecia melhor e em condição de começar a contar a sua história:

— Sou de um município que fica do outro lado do rio e, como costumo fazer com certa regularidade, essa tarde, saí para pescar. Gosto de me preparar bem para essas ocasiões, carregar comigo sanduíches, cervejas e salgadinhos. A primeira coisa que costumo fazer ao chegar ao meu destino, é amarrar as garrafas pelo gargalo e jogá-las no rio para que conservem a temperatura. Infelizmente, hoje, os peixes não pareciam nada interessados nas minhas iscas e, depois de várias tentativas fracassadas, a pescaria acabou se transformado em um piquenique regado a muita cerveja gelada. Apesar das horas, o dia continuava quente e o sol tão escaldante que acabei bebendo mais do que devia. Quando voltei a abrir os olhos, estava deitado no assoalho do barco, afundado em quase dois palmos de água, tão inebriado que cheguei a confundir o voo rasante de alguns vagalumes com estrelas cadentes.

Foi exatamente nesse momento que as águas do lago começaram a ficar mais revoltosas e as marolas foram se transformando em ondas que judiavam da embarcação com seu balanço lateral. Depois de um movimento mais brusco, a corrente atrelada à proa, começou a se desenrolar mais e mais rápido até desaparecer totalmente dentro do lago. Apenas o tilintar de algumas garrafas vazias flutuando ao redor do barco rompiam o silêncio na noite. Eu recolhia uma das varas de pesca quando, para a minha surpresa, ela foi arrancada abruptamente das minhas mãos. De repente, o barco começou a embicar para frente como se uma força poderosa estivesse tentando puxá-lo para baixo, pela corrente, para o fundo do lago. Com a proa afundando cada vez mais, a popa da embarcação já se encontrava lá no alto. Até que a tensão na corrente cessou de uma vez e o barco foi largado no espaço contra a superfície da água. O impacto me jogou para trás, e eu acabei de pernas para o ar. Eu me equilibrava como podia e, apenas quando pressentia estar firme o bastante, usava toda a minha força para puxar a corrente na

tentativa resgatar a âncora. A água invadia o barco a cada solavanco meu. Minhas botinas patinavam e tornava-se cada vez mais difícil firmar um pé de apoio para continuar com as manobras. Era importantíssimo manter o lago fora do barco ou, logo, o barco estaria no fundo do lago!

O recém-chegado disse que teve medo de perder a vida. E contou como tateou na escuridão em busca dos remos, sem jamais conseguir encontrá-los. Isso o fez concluir que, assim como a vara e as garrafas de cerveja vazias, só podiam estar flutuando ali por perto. E que, em uma noite escura como aquela, teria que ser um cara de muita sorte para conseguir recuperar qualquer um deles.

— Eu tinha a distinta sensação de não ser mais a única criatura viva ali, de estar sendo açoitado por algo maior e muito mais poderoso do que eu. Relatos sobre ataques de jacaré e sucuris que podem engolir um boi inteiro começaram a dar asas à minha imaginação. Rapidamente me liberei das tilápias que me serviriam de jantar, por medo que pudessem estar atraindo a fauna selvagem, colocando-me desnecessariamente em perigo. Às minhas costas a enorme lua amarela começou a desaparecer na bruma densa que se abateu sobre tudo e eu perdi completamente a noção da distância até a margem mais próxima do rio. Em condições normais, eu conseguiria facilmente nadar até uma das margens com algumas poucas braçadas, mas, naquele momento, com a ameaça velada de predadores, a água turbulenta e a neblina ao meu redor, meu instinto de sobrevivência gritava que aquilo não era a coisa mais sábia a fazer. Eu sabia, assim como todos os que vivem na região dos lagos sabem, que passar a noite inteira esperando ser resgatado não é pra qualquer um, uma vez que a temperatura na região costuma despencar durante a noite. Se o barco estivesse à deriva, talvez tivesse a sorte dele acabar encalhado em uma das margens, mas ele não estava, ainda se encontrava preso ao leito do lago pela corrente enferrujada que ligava a proa ao bloco de concreto que lhe servia de âncora. Eu tentei, tentei, tentei de várias maneiras, e de vários ângulos, livrar a corrente. As minhas mãos doíam e eram a prova contundente do meu fracasso. Quanto mais me movimentava, mais a água invadia a embarcação e mais o barco girava em torno da corrente para acabar apontado em outra direção. Tinha que ser forte. Dominar os meus medos. Mergulhar fundo e soltar o barco, mas, naquele momento, sentia-me totalmente abandonado pela sorte que acompanha os ébrios deste mundo. Utilizando o meu boné como um balde jogava água para fora do barco, quando avistei uma luz fraca que pairava sobre a agitação das ondas e mareava em minha direção. Esfreguei bem os olhos desacreditando que aquela aparição

pudesse mesmo ser real. Senti tanto medo daquela aproximação fantasmagórica que o álcool no meu sangue se transformou no suor frio na minha testa. Então, do nada, uma voz conhecida me chamou pelo nome. No outro barco estava um velho companheiro de pescaria, que só se aproximou após constatar que eu era mesmo um ser vivente e não outra alma penada das muitas que assombram os pescadores e os ribeirinhos da região. Meu amigo tentou me ajudar com a âncora, mas, mesmo assim, não funcionou. Então, em um misto de desespero e frustração, mergulhei nas águas barrentas em direção ao leito do lago. Afundei alguns metros e quando estava nas profundezas percebi que a corrente entrava pelo para-brisa quebrado de um veículo e, quanto mais força eu fazia para arrancá-la de lá mais ela se enroscava na lataria. Quando finalmente consegui alcançar o bloco, senti que um assustador emaranhado de tentáculos finos começou a envolver as minhas mãos. Eu não tinha como saber o que era aquilo. Tentei me afastar. Afastar aquela coisa com movimentos rápidos das minhas pernas. Depois de uma sucessão de solavancos desesperados, praticamente sem ar nos pulmões, acabei liberando o bloco e, utilizando-me da corrente para me orientar, nadei rumo à superfície com a criatura cheia de tentáculos ainda agarrada às minhas pernas. De volta ao barco, sob a luz fraca de um candeeiro, descobrimos horrorizados que o denso emaranhado não eram tentáculos, mas longos fios de cabelo branco.

Aí, o mais embriagado dentre os homens do grupo, levantou-se abruptamente, deu um tapa na mesa e gritou:

— A Senhora do Rio! Todos nós aqui já fomos, de alguma maneira, tocados pela sua bondade infinita. Eu mesmo, quando precisei me livrar da metástase que me devorava por dentro, busquei a benevolência da indígena dos longos cabelos brancos e, só por isso, estou vivo até hoje.

— Dizem por aí que a velha Senhora do Rio, com o seu poder único de invocar o grande espírito da floresta, carregava segredos milenares de cura através das plantas, e acabou pagando com a própria vida quando se recusou a curar a filha de um homem mau da região. Até essa tarde, ninguém sabia nada sobre o paradeiro da famosíssima curandeira — disse o recém-chegado.

Então, o mais exaltado membro do grupo não resistiu, estufou o peito e começou a desabafar:

— Aquela velha estúpida, com seus rituais, seus unguentos e seus chás, não quis nem me receber na sua maloca, na beira do rio! Disse que nada mais podia ser feito pela minha garotinha. Se estivesse se vingando de mim, eu bem que entenderia, eu sei que nunca fui coisa boa mesmo, mas do meu bebê? Da única coisa pura que eu já tive nessa minha vida desregrada? Eu agi, agi sim, com o coração cheio de raiva. Jamais me arrependerei da minha retaliação contra aquela bruxa maldita!

O recém-chegado, cujas roupas já estavam praticamente secas pelo calor que emanava da lareira às suas costas, tinha ouvido o suficiente. E, quando ele começou, de novo, a engasgar com as palavras do seu discurso foi que, todos ao seu redor, perceberam que sempre que ficava nervoso enrolava a língua para falar em um raro dialeto, aprendido com a avó, a indígena que durante um de seus mais famosos transes queimou o símbolo de um alvo na própria testa com ferro incandescente: a Senhora do Rio.

No exato momento que o recém-chegado ergueu a sacola molhada do chão e a largou sobre o balcão, impregnou o ambiente com o cheiro fétido do seu conteúdo.

— Tire essa coisa fedorenta de cima do meu balcão! — gritou o proprietário.

— Senhores, quando escolhi entrar nesse lugar eu mal sabia o que estava fazendo. Era como se obedecesse cegamente a uma voz desconhecida que sussurrava ordens em meus ouvidos. Eu não conhecia a região. Não conhecia este lado do rio. Não conhecia vocês. No começo da tarde eu deixei a minha casa, decidido a pescar, mas um ser iluminado me escolheu para ser o seu porta-voz.

Assim que o recém-chegado enfiou a mão dentro da sacola, todos os membros do grupo, ao mesmo tempo, engoliram em seco e prepararam-se para enfrentar o que quer que pudesse ser retirado de dentro dela.

— Muito cuidado, meu jovem! — disse o proprietário, apontando uma garrucha na direção do recém-chegado.

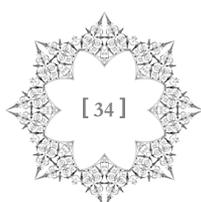
— Senhores, acho que vocês não estão entendendo muito bem o que está acontecendo aqui. Atirar em mim seria apenas mais um erro. Eu não valho nada para vocês. Nem vivo muito menos morto. Mesmo que me matem depois do que eu disser, lembrem-se: eu sou apenas o mensageiro de notícias ruins, o destino de cada um de vocês está traçado.

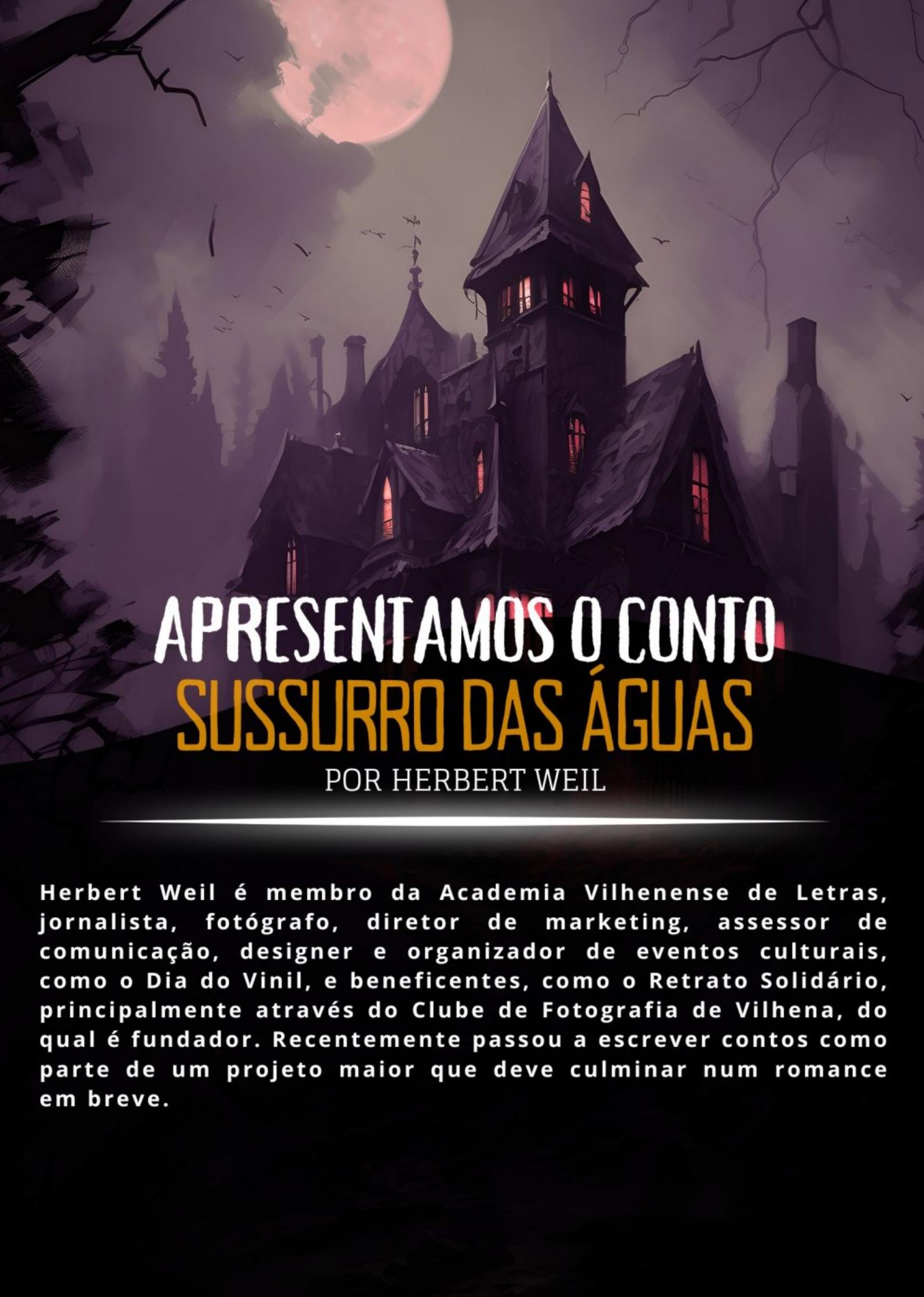
Do fundo da sacola, envolto em um emaranhado de longos fios de cabelo branco, o recém-chegado retirou um crânio humano rachado ao meio que, para cada um dos membros daquele grupo, representava muito mais do que um simples amontoado de ossos, e sim o encerramento de um círculo de terror iniciado no dia que a Senhora do Rio se negou a socorrer — não por vingança, mas por não ter força suficiente para mudar o destino da pobre criança inocente — a filha de um deles.

— Senhores, a minha vó mandou dizer que muito em breve vocês terão a oportunidade de confrontá-la mais uma vez e, no dia que isso acontecer, saberá muito bem para onde encaminhar a alma de cada um de vocês!

Nesse instante, um poderoso redemoinho de poeira invadiu o boteco pela porta da frente, apagou a lareira e fechou as janelas com força, levantou o telhado do boteco e sugou através do buraco tudo que não estava colado ao chão.

Quando a luz da lua voltou a iluminar o lugar através do que sobrou do teto do boteco, o recém-chegado havia desaparecido. Alguns dos mais longos fios de cabelo branco presos ao crânio flutuavam no ar e alcançavam longe para envolver o rosto petrificado de terror do proprietário, que apontava a sua garrucha para o nada. Um dos homens rezava alto e se recusava terminantemente a sair de baixo da mesa. Ainda podia-se ouvir os gritos de horror daqueles que decidiram se embrenhar na floresta para nunca mais serem vistos.





APRESENTAMOS O CONTO SUSSURRO DAS ÁGUAS

POR HERBERT WEIL

Herbert Weil é membro da Academia Vilhenense de Letras, jornalista, fotógrafo, diretor de marketing, assessor de comunicação, designer e organizador de eventos culturais, como o Dia do Vinil, e beneficentes, como o Retrato Solidário, principalmente através do Clube de Fotografia de Vilhena, do qual é fundador. Recentemente passou a escrever contos como parte de um projeto maior que deve culminar num romance em breve.

Um estrondo assustou o trio espremido no submersível Abyss Explorer cerca de quatro horas depois do início de sua descida. A pressão lá fora era inimaginável e as instruções da sala de treinamento foram claras. Se a "Lata de Sardinhas Abissais", como apelidaram seus tripulantes, se chocasse com pedras, gelo ou objetos pontiagudos, uma implosão instantânea era inevitável, reduzindo tudo a uma massa disforme no meio do nada que talvez nunca poderia ser recuperada.

O equipamento, uma maravilha hightech escondida nas profundezas gélidas do oceano subglacial da lua congelada de Júpiter, Europa, era uma visão futurística flutuando no deserto abissal. Com linhas ovaladas, ele tinha janelas redondas que transmitiam uma elegância mecânica, enquanto luzes alaranjadas e brancas cortavam o breu com um brilho eletrificado. A fuselagem reluzente envolvia mais do que um meio de transporte; era uma cápsula que lentamente desafiava o desconhecido. O branco impoluto do metal contrastava com a noite submersa lá fora, dando ao Abyss Explorer a forma de uma bolha tecnológica imersa num mundo aquático com mais de 140 quilômetros de profundidade.

Do interior, cada clique e ruído dos instrumentos pareciam mais altos, cercados pelo silêncio absoluto do exterior. Seus tripulantes, por vezes, se questionavam se os ruídos eram normais ou algo com o que se preocupar.

Momentos antes do impacto, a Lata deslizava para baixo, mas sem pontos de referência, um mergulhador hipotético, e impossível, que a visse de fora, apenas teria a sensação de ver uma sonda pairando sobre a sombra vazia.

Seu casco gemia em protesto contra o frio penetrante do ambiente hostil. As lâmpadas amortecidas das telas de controle dançavam como fantasmas pálidos, gerando bipes que quebravam o silêncio no interior claustrofóbico do submarino. O cheiro metálico, enraizado na tensão e na incerteza, se espalhava como um eco sutil de desespero.

A única indicação de que se moviam era o leitor de profundidade, que se revolia rapidamente. Aquela lua joviana, Europa, guardara aquele ambiente lacrado por bilhões de anos para eles.

A Dra Olivia Carter foi a primeira a avistar a fonte do barulho. Retirando o cabelo encaracolado loiro dos olhos, ela ajustou o corpo obeso no assento e aproximou os olhos verdes da pequena janela circular. Um breve e agudo "Óh" lhe escapou. Seus vários anos de especialização em biologia marinha e oceanografia não a haviam preparado para isso.

Marcus Reynolds era o piloto naquela ocasião, já que a escala havia sido refeita após alguém apagar inadvertidamente os registros dos plantões de monitoramento científico do laboratório Nereus, agora vários quilômetros acima, no gelo. Com braços peludos e sobranceiras fartas, o ruivo condutor estava de olhos estatelados, já ardendo, buscando algo na imensidão escura à frente.

O suspiro débil do sistema de ventilação, agora carregado de um ar denso de apreensão, parecia quase um sussurro impessoal de advertência. Cada som metálico do casco era amplificado, tornando-se o crepitar de ossos quebrados em uma treva interminável.

Esses sons preocupavam especialmente Alex Drayton, fotógrafo subaquático e jornalista correspondente, que não conseguia temer nada que estava no painel ou além das janelas, pois não podia ver nenhum dos dois.

O capitão Reynolds, olhando fixamente para a frente através da escotilha, começou a duvidar se estava realmente no controle da máquina. Cada impulso, cada comando dado, respondia com um lamento mecânico, como se o próprio submarino sussurrasse segredos insondáveis.

Ele enxugou seus olhos. Olhou novamente. Havia algo errado com sua visão? A bruma adiante parecia se contorcer, revelando lentamente a silhueta de um organismo abissal que desafiava qualquer concepção do que deveria existir naquele ambiente. Seus contornos eram como vultos dançantes, distorcendo-se em uma bioluminescência suave que emitia um brilho fantasmagórico.

A criatura, se é que se podia chamá-la assim, exibia tentáculos ondulantes, cada um terminando em apêndices delicados que pulsavam em uma cintilação trêmula. Era como se os membros gelatinosos fossem ramos de uma árvore etérea, suspensos, esperando pacientemente para colher os segredos dos intrépidos exploradores.

Seus olhos eram pontos luminosos de um azul cintilante. Observavam a tripulação do batiscafo com uma curiosidade penetrante. Cada movimento da besta emitia um murmúrio tênue, uma sinfonia etérea que reverberava através do oceano subglacial. A pele translúcida da aberração alternava padrões de luz frenéticos e ondulantes, criando uma ilusão hipnótica de efeito relaxante.

Marcus viu-se submerso em uma vastidão inóspita enquanto fitava as profundezas vazias e insondáveis. A escuridão se desdobrou ao seu redor e o universo infinito era a

única coisa que via. Embora não houvesse nada para ser visto, efetivamente. Não sabia onde ir. Ele estava perdido.

Tão perdido quanto no dia em que acampava com as duas filhas numa floresta próxima aos montes Cárpatos, que circundam a cidade onde nasceu. Julia e Sara adoravam acampar. Tinham acordado mais cedo para aproveitar bem o passeio durante a tarde. Lá nos abetos, no entanto, a diversão não durou muito.

Uma tempestade não anunciada derrubou muitas árvores, cobriu a trilha e nublou todo o céu. A diversão havia acabado antes mesmo de começar. Para retornar, Marcus escolheu seguir a borda do desfiladeiro que sabia terminar em uma estrada no início do bosque. As gotas caíam lentamente nas folhas e mal chegavam ao trio, que caminhava triste voltando para casa. O som das milhares de gotículas nas folhas verdes soava como um cochicho ao pé do ouvido.

A água era suficiente, no entanto, para amolecer grandes torrões de terra mais acima. Tudo começou a se soltar e nem as antigas pedras com raízes foram suficientes para segurar a avalanche de terra e pedras que se abateu sobre eles.

Imobilizado pelo desmoronamento, Reynolds foi encontrado apenas quatro dias depois. E Julia e Sara, seis dias mais à frente, debaixo da imensidão de entulhos.

Ele esfregou os olhos freneticamente. Marcus se via engolfado em águas onde a ausência da luminosidade era, na verdade, uma presença tangível, envolvendo-o como um manto frio e implacável.

O brilho do aparato exploratório, que deveria iluminar o caminho, tornava-se fraco e distante, transformando-se em pontos fugidios que piscavam distantes em um cosmos distorcido. O eco suave da pressão subaquática sussurrava segredos inaudíveis, como se as próprias águas carregassem a carga de um vazio cósmico.

A voz de Marcus ecoava em um sussurro isolado, perdendo-se na vastidão silenciosa que o cercava. Seu respirar tornou-se o único som discernível, amplificado pela imensidão do oceano sem nada, evocando uma sensação de solidão intimidante.

Dra Olivia Carter continuava olhando para o ser pela janela. Sua boca rosada, agora branca, estava entreaberta. Olhou para baixo e notou que estava nas beiradas de um despenhadeiro sem fim. O precipício parecia a margem do mundo em si. Não podia ver seu fundo. Mas seus pés tocavam a areia fria enquanto vozes quase inaudíveis lhe tomavam a consciência de assalto.

A bioluminescência assumiu a forma de estrelas distantes, mas ao invés de guiá-la pelo mar, elas conduziam-na perigosamente à beira da escarpa, com uma promessa ambígua.

Seus cabelos esvoaçavam na água e não conseguia usar os pulmões. Uma forte pressão no peito lhe deu vontade de chorar, ou gritar, mas a boca cerrada estava colada, a glote pregada.

O estranho era que o único penhasco que tinha ido era o Beachy Head. Logo após se casar, ainda na festa de fim de tarde, o porteiro do local veio lhe avisar que o atraso de seus pais era, na verdade, a nunca chegada. Tinham se acidentado na estrada e morrido na hora num choque violento contra uma colheitadeira que ultrapassava uma van.

Sua reação imediata foi correr e andar de carro sem rumo até parar em Beachy Head. Se colocou a observar o Sol escondendo-se no mar bem na beirada do formação rochosa de 160 metros. A água produzia um som contínuo e sussurrante lá embaixo. Lentamente olhou para o horizonte longínquo e a bola de fogo sendo engolida pela linha escura do fim do mundo. Imediatamente olhou para baixo, apavorou-se e perdeu o equilíbrio. Seus pés a tinham levado à frente sem que nem notasse. Havia se aproximado demais.

Caiu sentada com a respiração ofegante. Um movimento em falso e poderia realmente escorregar. Ali desenvolveu acrofobia, pressão alta e ganhou dezenas de quilos nos meses subsequentes. Um misto de angústia, tristeza e olhar abismal jamais saíram de sua feição.

Estendeu o olhar para os lados, fitando as bordas da falésia naquele escuro infinito, e sentiu a pressão da imensidão sem cor tornar-se avassaladora. Flutuava levemente acima da areia, alguns centímetros das rochas embebidas em grãos ásperos.

No interior do submarino, as sombras ganhavam vida própria, brincando com a percepção de Alex. Entretanto, apertado na Lata, ele apenas pôde notar que as luzes brilhantes que entravam na cabine aquática diminuta paralisaram seus dois colegas de alguma forma. Primeiro falou baixinho em seus ouvidos, mas por fim se viu gritando sem respostas.

Tentou buscar alguma medida em sua memória que fosse apropriada. Como anotar dados nas planilhas, verificar combustível, níveis de bateria e várias outras ações irrelevantes para o momento lhe ocorriam. De repente, passou os olhos por uma chave vermelha encoberta por uma capa retangular plástica transparente.

Era o piloto automático de subida controlada em modo de emergência. Abriu e girou a chave.

É o relato.

Abordagem:

Após extensivas entrevistas, relatos, consultas aos registros dos aparelhos do Abyss Explorer e regressões hipnóticas com os membros da expedição, fica claro que as cenas relatadas por Olivia e Marcus transcendem as experiências desta sessão de monitoramento marinho para formar uma tapeçaria complexa de medos, fobias e ansiedades. O vazio é mais do que um conceito astronômico ou geológico; é uma manifestação emocional que ressoa nos recônditos mais profundos da psique humana e, portanto, deve ser tratado apropriadamente.

Recomendação:

Realização de sessões regulares de terapia individual para cada membro da expedição, com foco na abordagem cognitivo-comportamental para um possível Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) que venham a se desenvolver.

Utilização de terapia em grupo para permitir uma compreensão coletiva das experiências compartilhadas e construção de apoio mútuo, tendo em vista os traumas associados à atividade laboral.

Implementação de sessões com exposição gradual aos elementos que desencadearam as reações traumáticas. Isso pode incluir simulações controladas e recriações seguras do ambiente subaquático.

Introdução de processamento sensorial, como EMDR (Eye Movement Desensitization and Reprocessing), para ajudar na integração das memórias traumáticas.

Medicamentos:

- Alprazolam 0,5 mg, 1 comprimido, 2 vezes ao dia, conforme necessário para controle imediato da ansiedade.

- Sertralina 50 mg, 1 comprimido diariamente, para ajudar na regulação do humor e redução dos sintomas depressivos associados ao TEPT.

Ações adicionais:

Encorajar a participação dos familiares em sessões de terapia familiar para fortalecer os laços familiares e fornecer apoio fora do ambiente terapêutico. Incentivar a prática regular de exercícios físicos, alimentação balanceada e sono adequado.

Ps. Investigar a recorrência das ilusões coletivas relacionadas ao "ser bioluminescente". Em caso de reincidência, seguir protocolo de aumento das doses medicamentosas e novas incursões de exposição ao aparente gatilho das visões, conforme receituário detalhado em anexo.

Diagnóstico final

- Vazio -

Atenciosamente,

Dr. Henry Foster

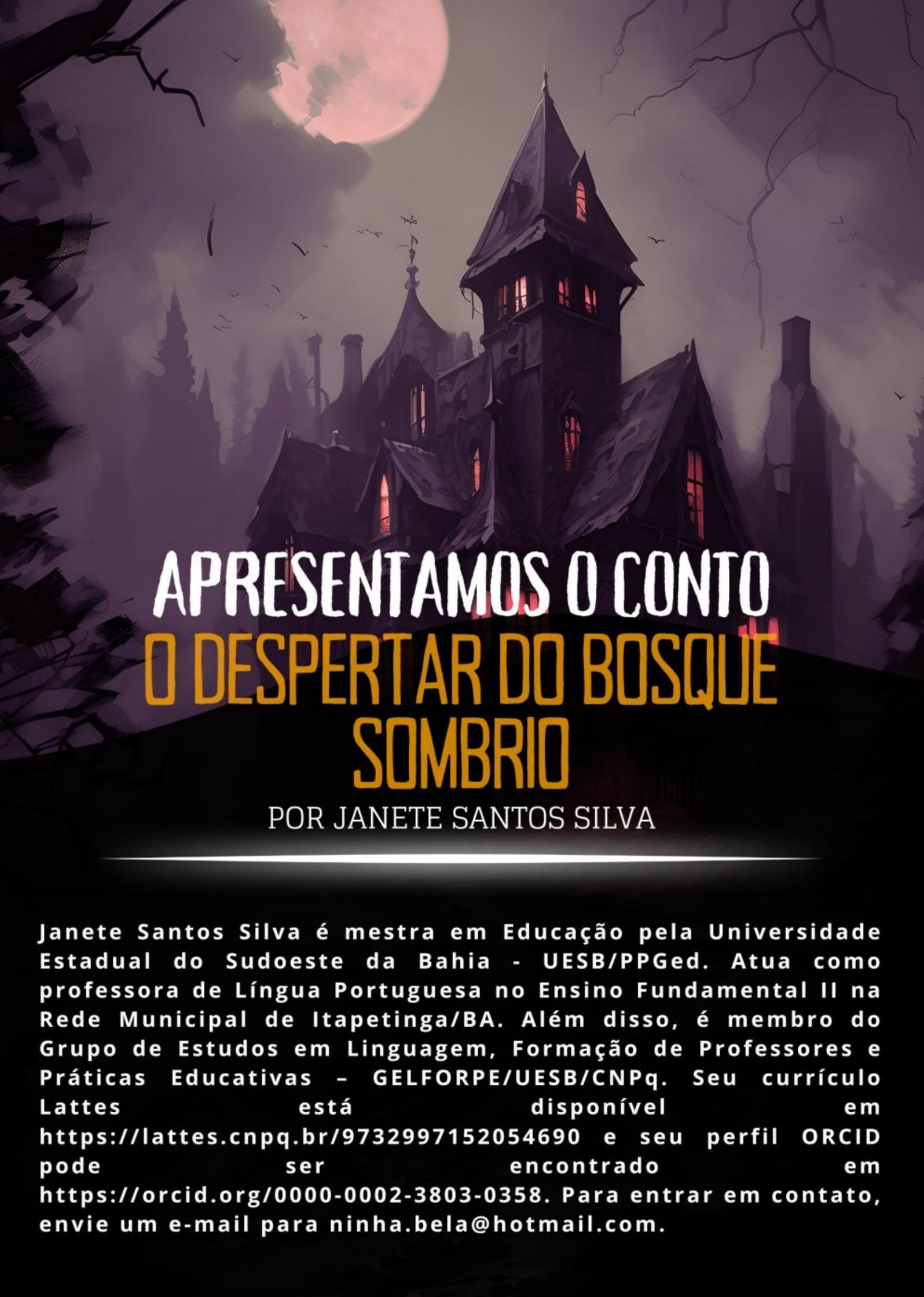
Psiquiatra

Laboratório Nereus

Europa, Júpiter

3 de agosto de 2178





APRESENTAMOS O CONTO O DESPERTAR DO BOSQUE SOMBRIO

POR JANETE SANTOS SILVA

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. Além disso, é membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas - GELFORPE/UESB/CNPq. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997152054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.

Em uma pequena cidade, escondida entre as sombras das colinas, erguia-se um antigo cemitério, conhecido como Bosque Sombrio. Dizia-se que ali, entre as lápides centenárias e árvores retorcidas, repousavam almas inquietas que vagueavam pela noite. No entanto, a lenda mais sinistra sobre o Bosque Sombrio estava prestes a ser desencadeada.

Certa noite, um grupo de jovens destemidos decidiu desafiar o medo e organizou uma festa secreta no cemitério. A atmosfera estava carregada de excitação, enquanto lanternas penduradas iluminavam os caminhos estreitos entre os túmulos. O som abafado de risadas e música ecoava entre as lápides, desafiando a escuridão impenetrável que envolvia o Bosque Sombrio.

À medida que a noite avançava, os corajosos festeiros riam, dançavam e ignoravam as advertências antigas sobre despertar espíritos adormecidos. Entre eles havia uma garota chamada Isabella, cuja curiosidade a levou a explorar os cantos mais obscuros do cemitério, seguida pela sua amiga, Clara.

Enquanto se aventurava por trilhas sombrias, Isabella notou um túmulo peculiar coberto por uma lápide quebrada. Curiosa, ela começou a cavar ao redor, revelando um velho alçapão esquecido pelos séculos. Sem pensar nas consequências, Isabella decidiu abrir a pesada porta de madeira, revelando uma escada que se estendia até as profundezas subterrâneas.

A jovem desceu os degraus, entrando em um salão sinistro e esquecido. Velas tremulavam em tochas antigas, iluminando um altar macabro adornado com símbolos estranhos. Foi então que Isabella percebeu que a festa no cemitério não era uma mera coincidência, mas um ritual ancestral prestes a se concretizar.

De repente, as risadas e a música cessaram, substituídas por um silêncio sinistro. O ar tornou-se denso, e sombras dançantes começaram a tomar forma ao redor do salão. Espíritos antigos, despertados pela intrusão, pairavam no ar, suas vozes ecoavam em sussurros gelados.

Isabella, paralisada pelo horror, viu a lenda urbana se materializar diante dela. Uma figura sombria emergiu das trevas, revelando-se como o guardião do Bosque Sombrio. Seus olhos brilhavam com uma luz sobrenatural, e uma voz rouca ecoou: — “Você ousou perturbar nosso descanso, agora deve enfrentar as consequências”.

Clara hesitou por um momento, mas a curiosidade também a consumiu, ignorando o alerta da voz sombria, de maneira que acabou seguindo Isabella, e as duas desceram as escadas para o salão subterrâneo.

Enquanto isso, os outros festeiros notaram a ausência das duas amigas e começaram a procurá-las no cemitério escuro. Marcos, o mais corajoso do grupo, preocupado, gritou: — “Isabella! Clara! Onde vocês estão? Onde vocês se meteram?... Que meninas malucas!!!Aff!”.

As risadas e a música começaram a diminuir, substituídas por murmúrios inquietantes. Marcos logo sentiu um arrepio na espinha, ao perceber que algo estava errado.

Ao mesmo tempo, no salão subterrâneo, Isabella e Clara descobriram um altar macabro, quando, de repente, as velas se apagaram. Uma voz ancestral ecoou no ar: — “Intrusos ousados, vocês perturbaram nosso repouso. Agora, devem enfrentar as consequências!”.

Clara, trêmula, murmurou: — “Isabella, acho que fizemos algo terrível. Devemos sair daqui!”.

Enquanto tentavam escapar, as sombras ganhavam vida ao redor delas. Marcos, ao procurar pelas amigas, aproximou-se do túmulo quebrado. Quando ouviu vozes sussurrantes vindas do chão, entrou em desespero, gritando: — “Isabella! Clara! Vocês estão aí embaixo?”.

Os jovens, apavorados, agora unidos pela sensação angustiante de perigo iminente, reuniram-se perto do túmulo quebrado de onde vinham os sussurros. Marcos, com uma lanterna em mãos, iluminava o chão enquanto buscava uma maneira de abrir o alçapão. — “Precisamos encontrar Isabella e Clara. Isso está ficando fora de controle, pessoal!” — exclamou o rapaz.

A voz sombria ressoou novamente, desta vez mais próxima: — “Vocês despertaram o Bosque Sombrio. Agora, são prisioneiros de sua própria curiosidade!”.

Isabella e Clara tentavam desesperadamente encontrar uma saída no salão subterrâneo. As sombras dançavam ao seu redor, criando figuras assustadoras que pareciam zombar de seu desespero.

A duas amigas, tentando escapar das sombras que as aprisionavam, correram de volta para as escadas. No entanto, ao chegarem ao topo, encontraram o túmulo cercado por uma névoa misteriosa que não estava lá antes.

As sombras se materializaram diante delas, revelando o guardião do Bosque Sombrio. Seus olhos brilhavam com intensidade sobrenatural, e uma risada sinistra ecoou no ar. — “Vocês despertaram forças que não podem ser controladas. Agora, pertencem a este lugar!” — decretou aquela voz áspera.

Enquanto isso, os outros amigos tentavam ajudar a abrir o alçapão, mas era como se estivesse selado por uma força desconhecida.

A névoa se espalhava pelo cemitério, obscurecendo as lápides e transformando a noite em um cenário de pesadelo. O Bosque Sombrio, desperto pela festa profana, estava determinado a reivindicar as almas dos intrusos.

Os amigos de Clara e Isabella continuavam procurando meios de escapar do Bosque Sombrio e das revelações surpreendentes que os aguardavam nos túneis subterrâneos do cemitério. O destino dos jovens curiosos tornava-se cada vez mais incerto, porquanto deveriam enfrentar as consequências de suas ações imprudentes naquela noite fatídica.

No momento em que a névoa sinistra envolvia o cemitério, um gótico e enigmático rapaz surgiu das sombras. Vestido de preto da cabeça aos pés, com longos cabelos escuros e olhos profundamente expressivos, ele parecia ser uma figura que pertencia ao próprio Bosque Sombrio. Seu nome era Lúcio, um estudioso do ocultismo, que morava nos arredores da cidade.

Os amigos, surpresos pela aparição de Lúcio, se entreolharam em busca de respostas: — “Quem é você? Pode nos ajudar a sair daqui?”.

Lúcio, com um sorriso enigmático, respondeu: — “Me chamam de Lúcio. Estudo as antigas tradições que permeiam este lugar. Vocês despertaram algo que nem mesmo eu ousaria perturbar!”.

Nesse decurso, Isabella e Clara estavam presas entre as sombras no topo da escadaria. Lúcio, ao perceber a situação delas, lançou um olhar de compaixão.

Lúcio conduziu Isabella e Clara por um caminho mais seguro, evitando as sombras que se intensificavam ao redor do túmulo quebrado.

A essa altura dos acontecimentos todos tentavam encontrar uma saída, a névoa se dissipava lentamente, revelando uma paisagem macabra. O Bosque Sombrio se manifestava, seus espíritos inquietos agitados pela profanação da festa. — “Vocês despertaram uma antiga força ancestral. O único caminho para a redenção é tentar acalmar a ira dos espíritos” — disse Lúcio.

A voz sombria ressoou novamente, desta vez com um tom mais suave: — “O destino de vocês está selado! Agora, decidam se serão prisioneiros ou redentores?!”.

Aquela noite, tingida pela presença gótica de Lúcio e pelas sombras do Bosque Sombrio, tornou-se um palco para escolhas cruciais. Os jovens amigos teriam que unir forças, enfrentar seus medos e descobrir uma maneira de se reconciliarem com as forças que despertaram, antes que fosse tarde demais.

Com a ajuda de Lúcio, os amigos brincalhões, agora acuados, seguiram por um caminho sinuoso, afastando-se dos túneis subterrâneos e das sombras que se intensificavam. No entanto, o Bosque Sombrio parecia ter vida própria, reagindo à profanação com suspiros e murmúrios agourentos, inconformados com a invasão.

Ao chegarem a um lugar iluminado, Lúcio parou e voltou-se para o grupo, olhando-os com seriedade. — “Agora, devem decidir o destino de vocês. O Bosque Sombrio exigirá uma escolha!” — decretou o jovem.

Marcos, Isabella, Clara e os outros sentiram o peso da decisão sobre eles. Lúcio, com um gesto de sua mão, abriu um portal etéreo, revelando imagens do passado e do futuro.

Enquanto observavam, viram flashbacks de eventos que levaram à profanação e, ao mesmo tempo, vislumbres do que o Bosque Sombrio se tornaria se não fosse apaziguado. Espíritos inquietos, enredados em sofrimento, imploravam por redenção.

Marcos, com coragem, quebrou o silêncio: — “Vamos ser redentores! Não podemos deixar esse lugar ser consumido pela escuridão!”. Todos, mesmo apavorados, concordaram com ele e aprovaram a sábia decisão.

Lúcio assentiu em aprovação e iniciou, com o grupo, um ritual antigo para acalmar as almas perturbadas. Velas foram acesas, símbolos foram traçados e palavras ancestrais foram sussurradas, numa língua antiga.

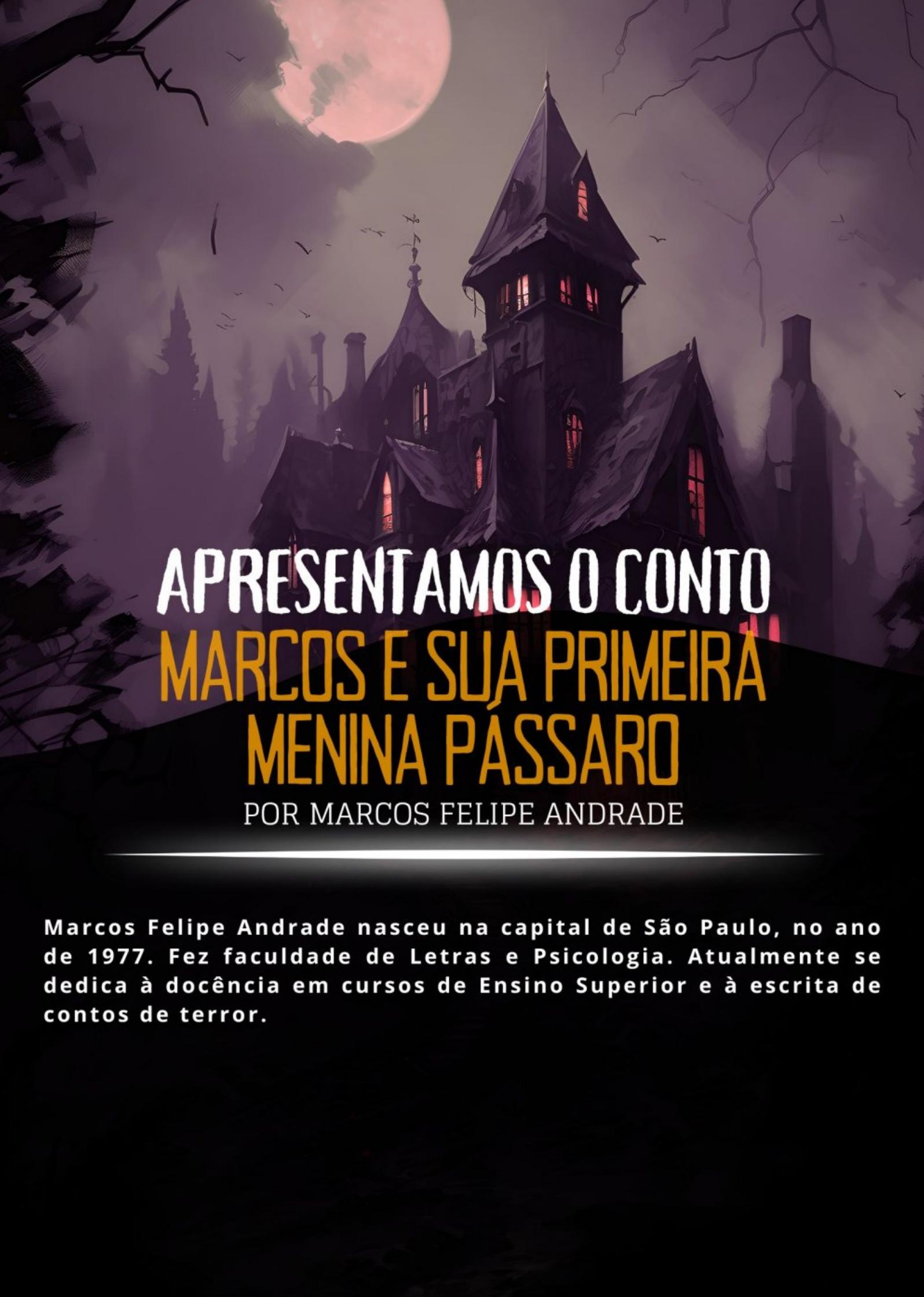
O Bosque Sombrio estremeceu, e as sombras recuaram, como se cedendo à vontade dos redentores. Uma luz dourada permeou o cemitério, dissipando a névoa e acalmando os espíritos.

O portal etéreo se fechou e o Bosque Sombrio retomou uma tranquilidade que não conhecia há séculos. O cemitério, uma vez imerso em trevas, agora refletia a luz da lua, criando uma atmosfera serena e, de certa forma, agradecida.

Ao se despedirem, Lúcio lançou um último olhar aos jovens: — “Que essa noite sirva como um aviso. As fronteiras entre os vivos e os mortos são delicadas. Respeito é a chave para manter o equilíbrio!” — sentenciou.

Assim, os amigos festeiros deixaram o Bosque Sombrio, depois de agradecerem a Lúcio pela ajuda, levando consigo a experiência única que os marcaria para o resto de suas vidas. A lenda urbana do cemitério tornou-se uma história contada em sussurros, lembrando a noite em que as sombras dançaram ao som da escolha da redenção.





APRESENTAMOS O CONTO
MARCOS E SUA PRIMEIRA
MENINA PASSARO

POR MARCOS FELIPE ANDRADE

Marcos Felipe Andrade nasceu na capital de São Paulo, no ano de 1977. Fez faculdade de Letras e Psicologia. Atualmente se dedica à docência em cursos de Ensino Superior e à escrita de contos de terror.

Marcos era uma criança que tinha um segredo: ele sentia uma imensa satisfação em matar animais. Quanto mais dolorosa a morte e mais indefeso o animal, maior era o seu prazer. Os rituais, que era como Marcos costumava chamar o seu segredo, começaram quando ele tinha uns seis anos e eram esporádicos, mas agora, aos dez anos, eles haviam se transformado em uma verdadeira obsessão. Para sorte de Marcos (e azar dos animais), ele morava em uma casa isolada na Zona Rural com sua mãe.

Marcos era filho de pais separados e somente agora ia conhecer o seu pai. A única expectativa de Marcos era o presente prometido. Marcos não se sentia conectado com as pessoas e não conseguia amar ou gostar delas. A única conexão que Marcos conseguia sentir era com os animais que matava no momento de sua morte, quando eles pareciam olhar para ele implorando por suas vidas.

Enfim o dia de conhecer o seu pai havia chegado. Marcos se aproximou friamente, estendeu a mão e falou:

— Meu presente.

O pai ficou decepcionado. Esperava pelo menos um abraço.

— Seu presente não está pronto, respondeu o pai.

Marcos percebeu a decepção do pai, mas não se importou, só queria o seu presente. Seu pai tirou do carro uma gaiola coberta.

— Seu presente não está pronto — respondeu o pai.

Marcos estranhou a resposta. Ouviu o barulho de um pássaro dentro da gaiola, mas se o presente não estava pronto, não havia motivo para ficar perto do seu pai e assim ele saiu para matar animais e satisfazer sua obsessão.

No dia seguinte Marcos foi acordado por seu pai.

— Vou preparar seu presente.

Marcos seguiu seu pai até o galpão que ficava há alguns metros da sua casa. A gaiola continuava coberta, mas ao chegarem ao galpão, Marcos finalmente pode contemplar seu presente: um pássaro com plumagem e bico preto. O pássaro era grande para aquela gaiola tão pequena e vê-lo se debater era algo prazeroso para Marcos. O pássaro estava assustado e seu medo aumentava ainda mais seu prazer. O medo do pássaro se tornou ainda maior quando o pai de Marcos brutalmente o segurou e o tirou da gaiola.

— Segura teu pássaro, menino. Segura forte para ele não fugir. Coloca na mesa e segura a cabeça.

Por um instante Marcos achou que o pai degolaria o pássaro. Pela primeira vez, sentiu uma identificação com ele. Mas seu pai não pegou uma faca. Talvez não tivesse encontrado, pensou. Seu pai então mostrou um prego enferrujado para Marcos.

— Tá vendo isso aqui? Isso vai fazer teu pássaro cantar melhor.

Marcos não entendeu, mas confiou em seu pai. Seu pai então furou os olhos do pássaro. Os gritos de dor do pássaro encheram a alma de Marcos de satisfação. O pai tomou o pássaro das mãos de Marcos e o jogou na gaiola. O pássaro, desnordeado, ainda gritava de dor.

— Toma teu pássaro, dá comida, põe no sol. Não esquece no sol. Vou embora, não sei se volto, mas isso parece não ter importância para você.

E não tinha. Que bom que o pai de Marcos tinha consciência disso. Marcos levou o pássaro para o seu quarto. O prazer que ele sentia ao vê-lo sofrer era indescritível. Com o passar do tempo, o pássaro parou de gritar e começou a cantar. Marcos não queria um pássaro que cantasse, ele queria um pássaro que sofresse. Então quebrou-lhe a asa direita. Quando o pássaro parou de gritar e começou a cantar, quebrou-lhe a asa esquerda. Quando novamente o pássaro parou de gritar e começou a cantar, quebrou-lhe as duas patas. Por fim, quando o pássaro novamente parou de gritar e começou a cantar, quebrou-lhe o pescoço.

Os anos se passaram e Marcos já era um homem de trinta anos que morava sozinho na mesma casa que viveu desde criança. Um dia, ao ir para a cidade comprar mantimentos, viu uma menina de uns dezoito anos, com a pele e os cabelos negros. A menina ensaiava em um bar uma música que falava de um pássaro preto. A memória de seu pássaro preto o fez desejar ter aquela menina, que ele chamou de menina pássaro.

Marcos voltou para a casa e construiu uma gaiola para sua menina pássaro no galpão que ficava há alguns metros de sua casa. No mês seguinte voltou para a cidade. Sentou-se no bar onde a sua menina pássaro cantava. Não foi difícil seduzi-la e convencê-la a ir para sua casa. Antes ele lhe ofereceu uma bebida batizada. Não demorou para que ela adormecesse em seu carro.

Quando amanheceu a menina pássaro estava amarrada na mesa do galpão. Ela estava nua, mas não tinha a boca amarrada. Ela chorou e gritou durante horas até perder suas forças. Marcos, nesse primeiro dia, alimentou sua alma somente ouvindo o choro e os

gritos de sua menina pássaro. Ele não conseguiu dormir porque sua alma estava extasiada de prazer. Cada grito de sua menina pássaro trazia uma sensação nova e indescritível de poder e satisfação.

Amanheceu e ele foi para o galpão levar comida para sua menina pássaro: um pão seco. Camila não chorou nem gritou ao vê-lo. Também não implorou por sua vida. Ela parecia compreender que aquele homem que a tinha sequestrado era também a sua única esperança. Mas isso irritou Marcos. Ele queria que ela gritasse. Ele se aproximou e olhou nos seus olhos. Ele precisava furar os olhos de sua menina pássaro. No instante em que Camila percebeu que ele estava de costas, procurando por algo, finalmente começou a chorar e implorar que ele não a matasse.

— Não sei se vou matar você, talvez eu me canse e te solte, mas antes preciso furar seus olhos.

Ela implorou para que ele não fizesse isso. A súplica se transformou em choro e em gritos. Alma alimentada. Os olhos não foram furados naquele dia. Marcos foi para sua casa e dormiu. Conseguia ouvir os gritos de Camila da sua casa. Quando o outro dia amanheceu, ele acordou. Não havia mais gritos. Marcos foi ao galpão. A sua menina pássaro estava fraca, mas ainda assim ele não conseguia furar os seus olhos com ela consciente. Ele a fez dormir com uma medicação. Ela acordou com a dor de ter um prego enferrujado entrando em seus olhos. Ela berrava e tremia de dor. O prazer que Marcos sentia era intenso. Os gritos duraram horas. Marcos permaneceu no galpão contemplando o desespero de sua menina pássaro. Sua alma estava satisfeita.

No dia seguinte, Camila estava calada. Marcos se aborreceu.

— Canta pra mim a música do pássaro.

Camila não respondeu. Marcos não sabia se sua menina pássaro se recusava a falar por escolha, medo, fraqueza ou dor.

— Canta logo menina.

Ela não cantou. Então ele desamarrou a menina pássaro e a colocou em seus braços. Ela queria lutar com ele, mas estava fraca e assustada demais para isso. Ele a jogou na gaiola que havia construído para ela e colocou um pão seco na mão direita e uma garrafa de água na mão esquerda. Come e bebe, amanhã eu volto. E assim o fez.

No outro dia, ao chegar ao galpão, ordenou:

— Canta!

Ela não cantou. Bruscamente ele abriu a gaiola, entrou e quebrou-lhe o braço direito. Os gritos vieram e o prazer de Marcos também.

Mais um dia. Marcos entrou no galpão. O pão e a água estavam lá.

— Come — ordenou.

— Não quero, eu quero morrer, respondeu Camila chorando.

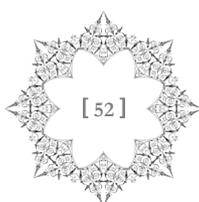
Marcos, tomado pela fúria, entrou na gaiola, pegou sua menina pássaro pelo pescoço e colocou pedaços do pão seco e água na sua boa.

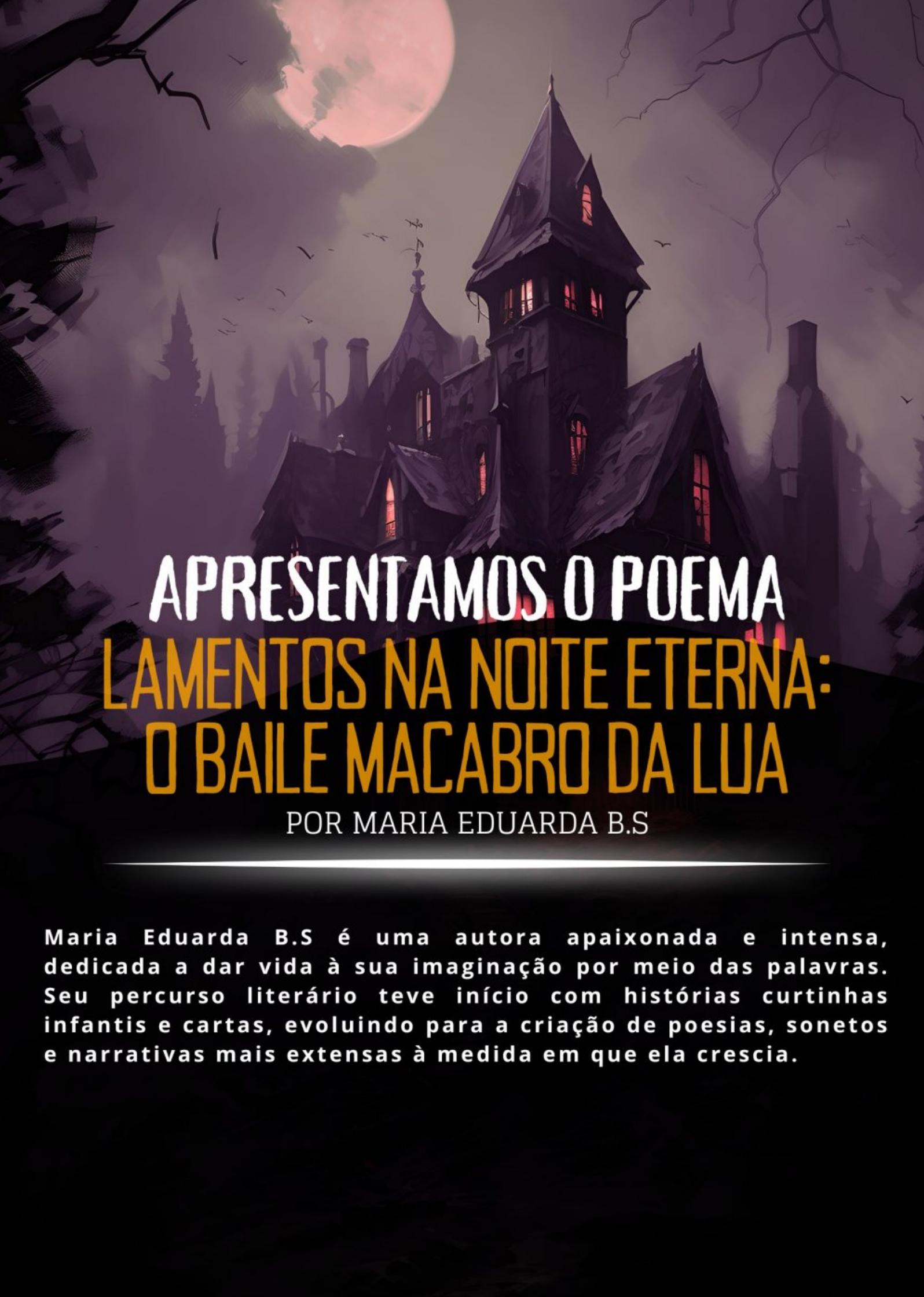
— Canta a música do pássaro.

Para a surpresa de Marcos, ela cantou. Não era exatamente um canto, parecia mais um sussurro. No início Marcos se sentiu feliz ao ouvir. Sua menina pássaro estava cantando para ele. Mas o canto não lhe proporcionava o mesmo prazer de vê-la sofrer.

— Para de cantar!

Camila parou de cantar e começou a chorar. Ela sabia que ele voltaria a tortura-la. Então Marcos abriu a gaiola, entrou e quebrou seu outro braço. Camila gritou com o resto das forças que tinha. Marcos sentiu sua alma invadida pela sensação de poder e prazer. Ele foi para casa, mas naquele dia os gritos cessaram logo porque Camila não tinha mais forças para gritar. Marcos queria continuar sentindo prazer, então pegou uma serra elétrica, de lâminas enferrujadas, dirigiu-se ao galpão, ligou a serra elétrica e serrou-lhe uma perna. O sangue jorrou por toda a gaiola e cobriu parte do corpo de Marcos. Era o auge do prazer, ouvir os gritos de sua menina pássaro e sentir o cheiro e o gosto de seu sangue. Ele precisava continuar sentindo esse prazer, então, sem esperar, serrou-lhe a outra perna. Passou um tempo ao lado de sua menina pássaro e foi para sua casa. Já não era mais possível ouvir os gritos de Camila de sua casa. Ele adormeceu. Ao acordar, lembrou-se que não havia alimentado sua menina pássaro e foi até o galpão para alimentá-la. Ao chegar a encontrou morta. Marcos não se importou. Só precisava se livrar do corpo e buscar uma nova menina pássaro para sua gaiola.





APRESENTAMOS O POEMA
LAMENTOS NA NOITE ETERNA:
O BAILE MACABRO DA LUA

POR MARIA EDUARDA B.S

Maria Eduarda B.S é uma autora apaixonada e intensa, dedicada a dar vida à sua imaginação por meio das palavras. Seu percurso literário teve início com histórias curtinhas infantis e cartas, evoluindo para a criação de poesias, sonetos e narrativas mais extensas à medida em que ela crescia.

Na vastidão da noite onde os sussurros dançam,
Sob a luz tênue de uma lua que chora prata,
Esconde-se a tristeza em véus de sombra, avança
A melancolia, numa dança que mata.

Em um castelo de silêncios e de espantos,
Onde o tempo parou em seu lamento eterno,
Ecoam vozes, passos, prantos,
Ecos de um amor, frio e inferno.

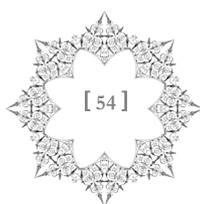
Nas paredes, pinturas de olhares vazios,
Que seguem cada passo, cada suspiro contido,
Almas perdidas em mares sombrios,
Em um navio fantasma, pelo destino esquecido.

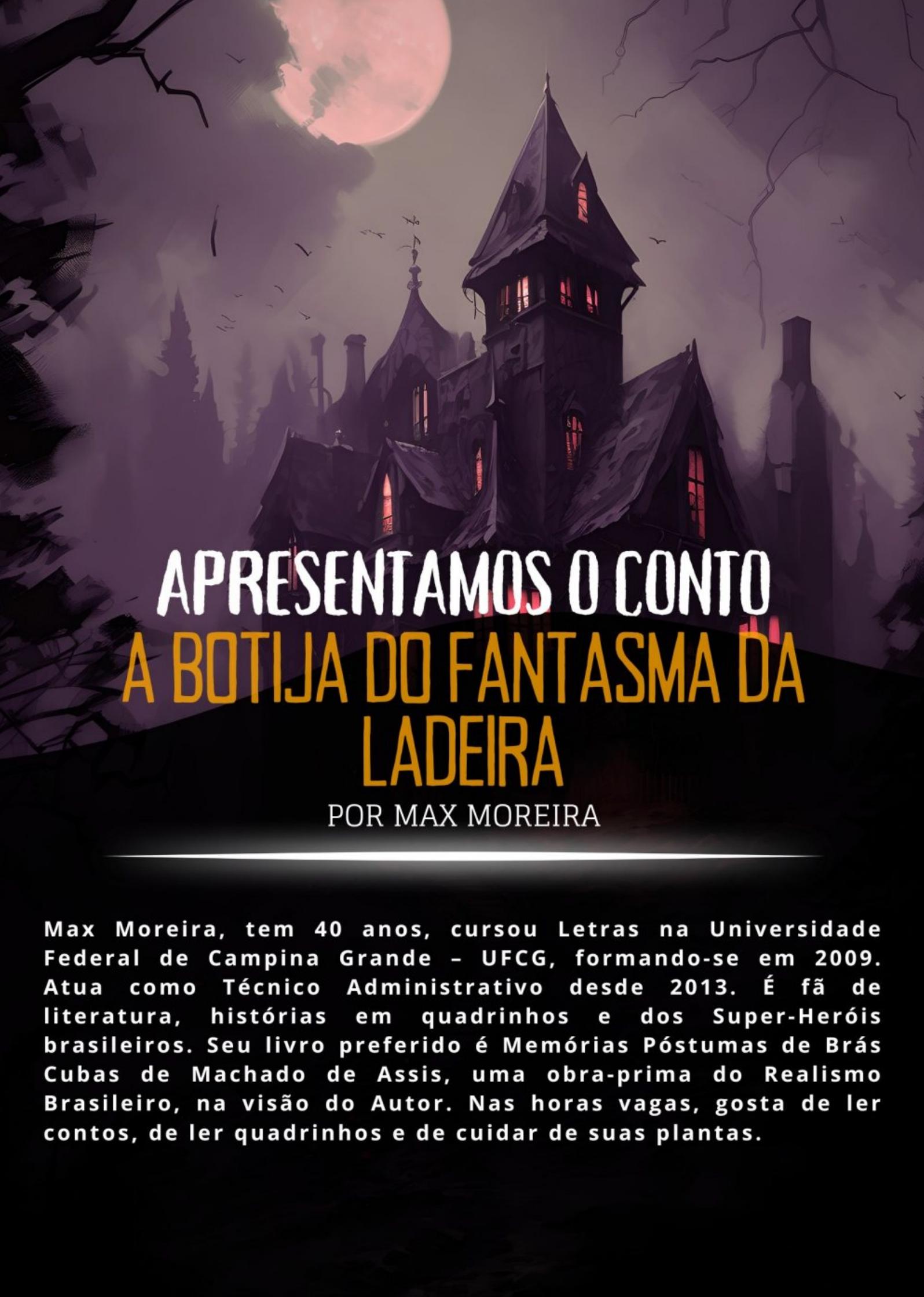
No jardim, onde a névoa toca o chão,
Rosas negras florescem em desalento,
Cada pétala, uma história de aflição,
Cada espinho, um grito, um lamento.

E lá no fundo, um lago sereno,
Espelho de uma lua, refletindo o medo,
Guarda segredos, profundos, obscenos,
De amores mortos, sem apelo ou enredo.

Nesse reino de terror e de beleza,
Onde cada sombra conta sua tristeza,
Há uma beleza trágica, uma nobreza,
Na forma como a morte tece sua teia, com destreza.

E assim, sob a penumbra da noite sem fim,
O terror se mistura com a poesia, um jardim
De horrores e encantos, um delírio sem igual,
Um convite à viagem, nesse baile macabro, celestial.





APRESENTAMOS O CONTO A BOTIJA DO FANTASMA DA LADEIRA

POR MAX MOREIRA

Max Moreira, tem 40 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de literatura, histórias em quadrinhos e dos Super-Heróis brasileiros. Seu livro preferido é Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis, uma obra-prima do Realismo Brasileiro, na visão do Autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos, de ler quadrinhos e de cuidar de suas plantas.

Dentre as histórias contadas pelo povo, havia uma muito intrigante. Era a história da Botija do Fantasma da Ladeira. Havia vários relatos de aparições que assombravam uma erma ladeira, vide o homem pálido que era avistado no local e desaparecia de repente, assim como o vulto que sempre montava na garupa de bicicletas ou cavalos. Mas alguns fatos culminaram com o fim das aparições.

Segundo consta, Tomé Cachaça, como era conhecido, devido ao vício da bebedeira, vinha a pé de um povoado distante, quando encontrou um homem de branco no meio da ladeira assombrada. Tomé, que não acreditava nas historíolas do povo, pensou ser apenas um simples andante e decidiu conversar com ele. Ao fim da ladeira, o homem de branco disse que *precisava voltar para casa*. Para espanto de Tomé, o homem sumiu. Tentando se controlar, Tomé continuou a caminhar sem olhar para trás. Quando percebeu, já estava correndo como nunca antes na vida. Muitos metros adiante, não aguentava mais nem mesmo caminhar. Caiu de exaustão. Desmaiou.

No dia seguinte, bastante atordoado, Tomé percebera que tinha adormecido ali mesmo, na beira da estrada. Pensou bastante naquele episódio, enquanto seguia viagem. Chegando a casa, fora recebido por sua mulher, que o esperava impacientada. Tomé a tranquilizou e lhe contou o ocorrido, mas ela pareceu não lhe dar crédito, dizendo que tudo não passava de uma ilusão de uma mente beberrona. Mesmo assim, Tomé passou o dia matutando.

No dia seguinte, Tomé, já mais calmo, refletiu. Pensou naquele homem misterioso e nas suas palavras. *Que precisava voltar para casa*. Tinha uma casa naquelas bandas? Seria mesmo uma ilusão, fruto de uma imaginação alcoolizada, como quis fazer pensar sua mulher? Cogitou a possibilidade de parar de beber. De repente, veio à sua mente a história do Fantasma da Ladeira. Seria possível? Depois de muito matutar, Tomé lembrou que existiam ruínas de uma velha habitação naquelas proximidades, na qual viveu há muito tempo um senhor chamado Bonifácio, que sempre acolhia os viajantes que por ali passavam. Certo dia, esse senhor tão ilustre desapareceu misteriosamente e todos acreditaram que ele fora embora repentinamente. A casa ficou abandonada e com o tempo ruiu. Tomé pensou nisso durante todo o dia. Jamais imaginaria que, naquela noite, uma surpresa atormentadora o assombraria.

Já tarde da noite, Tomé Cachaça, com a cara cheia, cismava com toda aquela história, quando, de repente, as rendas de sua rede, na qual estava, foram puxadas. Nesse

momento, Tomé ficou branco como um fantasma. Era o homem da ladeira. Apesar do choque, não conseguiu gritar. Ficou apenas observando aquela figura fantasmática. O homem então lhe disse: “Vá até as ruínas da velha casa da ladeira e procure por um amontoado de pedras próximo a um barranco. É lá onde estarei te esperando”. Em seguida, o homem desapareceu. Então Tomé gritou. Gritou desesperadamente até ser amparado pela mulher, que logo apareceu transtornada com os gritos. Tomé Cachaça não dormiu mais naquela noite.

Na manhã seguinte, Tomé logo decidiu ir até à ladeira assombrada para constatar os fatos. Era a única forma de descobrir se estava ficando louco. Já no local, começou a investigar. Após verificar os arredores da ladeira, Tomé finalmente avistou as ruínas da velha casa. Estava nervoso, porém curioso. Decidiu continuar. Não demorou muito até encontrar um barranco. Ao lado, tinha um buraco coberto por pedras. Ao retirá-las, a surpresa macabra: tinha ossos lá. Tomé ficou perplexo e caiu de joelhos. Pensou em mil coisas. Quem teria feito aquilo? De quem seria aqueles ossos? Seria do homem fantasmático? Aturdido, Tomé foi até sua mulher contar-lhe a descoberta, o que a deixou perturbada.

Tomé queria pedir ajuda às autoridades, mas sua mulher não aceitou aquela ideia. Mas por quê? Tomé viu essa atitude com estranheza. Mas ela o convenceu alegando que poderiam expô-los desnecessariamente. Decidiram por enterrar aquela ossada de forma apropriada e assim foi feito.

Tomé Cachaça não parava de pensar nos fatos ocorridos. E não parava de beber. Bebeu até desmaiar. Em seu estado dormente, teve uma onírica revelação que mostrava um viajante chegando aos arredores de uma casa próxima a uma ladeira. Estranhamente, não era possível ver com clareza o rosto do viajante. Mas, para a surpresa de Tomé, o dono da casa, que aparecera para receber o inesperado visitante, era idêntico ao homem fantasmático. Seria a mesma pessoa? Contudo, Tomé não teve mais dúvidas quando ele confirmou ao viajante seu nome. Era Bonifácio. Mas o anfitrião não morava sozinho. Ele tinha uma jovem mulher, que, por sinal, pareceu bem familiar aos olhos de Tomé. Ele já a tinha visto antes? Não lembrava. Aliás, percebeu que não se lembrava de muita coisa. O caso é que ambos receberam o viajante que ficou o dia inteiro no lugar.

O que Bonifácio não esperava era que sua mulher tinha se engraçado com o viajante, e ambos planejaram fugir juntos.

— Mate-o! Mate-o e fuja comigo! — bradava o viajante à mulher.

Foi o que ela fez! A mulher, impiedosamente, matou o marido a pauladas enquanto ele dormia. Após o sinistro, os dois conspiradores se livraram do corpo e fugiram posteriormente.

Subitamente, Tomé despertou suado e assustado. Acabara de sonhar? Foi por ficar impressionado com todos aqueles acontecimentos? Ou fora uma revelação? Se fosse verdade, como provar? O fato é que Tomé não podia.

Tomé Cachaça já estava a vários litros da moderação, quando sentiu uma presença fantasmática encostada à sua rede. Logo reconheceu aquela figura. Não tinha dúvidas. Era Bonifácio. Tomé ficou apenas olhando-o, paralisado de medo, enquanto o homem falava:

— Preciso que revele a verdade para todos. Só assim realmente poderei descansar em paz.

— Ninguém vai acreditar em mim.

— Vá até o sopé da serreta vizinha a minha velha morada. Procure por uma faca cravada no tronco de uma árvore. Nesse ponto, abaixo do punhal, cave até encontrar a resposta que procuras.

Em seguida, Tomé assustou-se com a chegada súbita de sua mulher. Quando percebeu, Bonifácio já tinha desaparecido.

Depois de beber mais uma birita, Tomé Cachaça voltou ao local dos escombros da velha casa. Só que desta vez fora sozinho. Ao chegar, logo avistou a pequena serra vizinha. Logo procurou pela árvore com a faca encravada em seu tronco. Depois de horas de busca e ainda com um litro na mão, Tomé já estava quase desistindo quando avistou um brilho forte. Alguma coisa refletia a luz do sol. Ao se aproximar, uma grande surpresa teve, pois finalmente encontrou a faca. O brilho anterior vinha de seu punhal. Rapidamente, cavou no ponto revelado. Depois de muito esforço, encontrou algo. Era uma estranha caixa. Ao abri-la, Tomé ficou abismado. Dentro dela tinha muitas peças de ouro e joias. Mas também tinha um estranho embrulho. Ao abri-lo, revelou-se diante dele uma foto e um bilhete. Na foto, já desgastada, havia uma jovem mulher. A princípio, Tomé não percebeu, mas, enquanto encarava a foto, algo chamou sua atenção. Não tinha certeza, mas sua inquietação só aumentava na medida em que os traços fisionômicos daquela mulher lhe soavam uma estranha intimidade. Subitamente, viu-se em choque. Ele reconhecera aquela mulher? Seria possível? Estaria alucinando? Era vampiresco só de pensar. Era loucura. Mas sabia que suas memórias não eram confiáveis. Curioso, Tomé leu o estranho bilhete, que continha os dizeres: “A pessoa da foto que agora seguras, foi

minha assassina”. Nesse momento, Tomé foi tomado pelo pavor a ponto de correr dali desesperadamente, deixando a caixa à deriva.

Depois de tanto correr, Tomé viu-se próximo a sua casa, bastante exausto. Ofegante, parou para descansar. Logo percebeu que trouxe consigo a foto e o bilhete. Pensativo, guardou ambos no bolso. Em seguida, desejou contar tudo a mulher e ficar livre do peso daquela informação. Foi o que fez, porém, omitiu a parte do embrulho, dizendo apenas que tinha achado uma botija. A mulher, perplexa, pediu ao marido que a levasse ao lugar exato do achado. Mesmo relutante e nervoso, Tomé assim o fez. No local, a mulher ficou abismada com aquela imagem áurea perante seus olhos. Parecia que estava embriagada. Tomé nunca a viu naquele estado de euforia. Talvez só estivesse feliz por ter encontrado um tesouro. Após esse deleite, a mulher de Tomé sugeriu que fossem embora antes que fossem descobertos e o pediu para carregar a pesada caixa, sendo logo atendida.

A caminho de casa, Tomé lembrou-se do embrulho. Pensou novamente em revelar tudo à mulher, mas tinha medo da reação dela. Talvez ela o chamasse de louco e o acusaria de mentiroso. Ou pior, ela poderia matá-lo e ficar com o tesouro só para si. Ela seria capaz? Decidiu, pois, esperar o rumo dos acontecimentos. Tomé caminhava embriagado em pensamentos quando, de repente, sentiu uma dor incomensurável na cabeça, obscurecendo sua visão. Em segundos, seus sentidos foram se extinguindo. Já não sentia mais nada. Não via mais nada. Tudo se apagou. Virou treva.

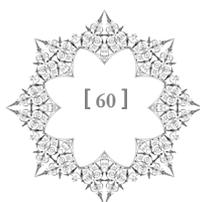
Todavia, um pingo de luz surgiu na escuridão. Não demorou muito até Tomé aclarar-se. Diante dele, apresentaram-se cenas reveladoras, cujos personagens eram bem conhecidos, através das quais ele obteria respostas sobre a sina de Bonifácio. Na verdade, o viajante revelou ser um fotógrafo. Naquele mesmo dia, ele tirou uma foto da mulher de seu anfitrião como agradecimento pela hospitalidade. Bonifácio não percebia, mas sua mulher se agraciara do viajante fotógrafo. Em dado momento, quando os dois ficaram a sós, ela fez-lhe uma revelação: seu desejo de fugirem juntos. Além disso, a mulher também revelou que o marido mantinha escondido um tesouro, cuja localização não sabia. Contudo, o que não suspeitavam era que Bonifácio ouvira tudo às escondidas e tomou uma súbita decisão. Pressentindo o perigo, ele decidiu esconder seu precioso tesouro juntamente com a foto da mulher e um bilhete revelando seu medo. Já em casa, estranhou a ausência dos dois pérfidos. Teriam fugido? Procurou nos arredores, mas não avistou ninguém. Como estava muito cansado e a treva pairava, decidiu descansar, mas atento.

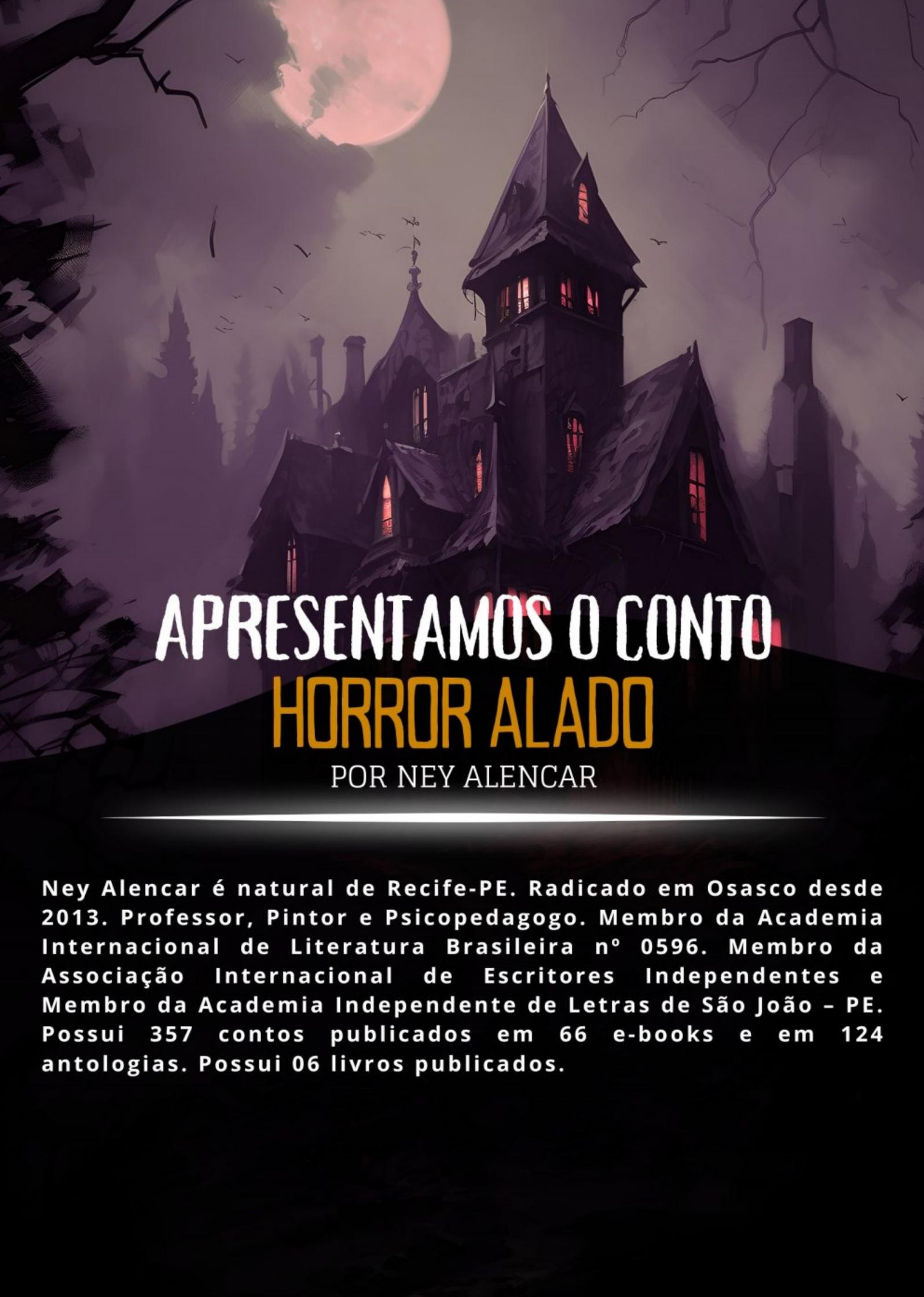
Apesar da decepção pela mulher, estava tranquilo. Mas jamais imaginou que ela era tão infeliz ao seu lado. Pior ainda era pensar que ela queria roubá-lo. De repente, sentiu vontade de beber. Não resistiu à tentação. Bebeu mais do que devia. Dormiu. O que veio depois foi uma cena bárbara: Bonifácio foi brutalmente morto a pauladas pela mulher para quem um dia jurou amor eterno. Após se livrarem do corpo, a dupla conluiada fugiu tomando rumo ignorado. Teriam desistido do tesouro? Não sabia.

A cena seguinte mostrava um pedaço de madeira mergulhado em uma pequena poça vermelha. Era sangue. Logo entendeu sua sina. Tomé acabara de despertar, atordoado e com uma dor latejante na cabeça. Tudo indicava que sua mulher o golpeou. Tentou matá-lo. Como não a viu mais e nem a caixa, supôs que ela fugiu com a botija preciosa. — *Maldita!* — bradou Tomé com raiva, enquanto tirava do bolso o embrulho. A pressa em fugir foi tanta, que ela nem se preocupou em verificar se tinha completado a brutalidade. — “*Maldita!*” — gritava Tomé com o pensamento. Quis rasgar a foto e o bilhete, mas não o fez. Apenas guardou-os no bolso e buscou se restabelecer.

Tomé tinha certeza de que a verdade lhe fora revelada. Mas quem acreditaria? Seria taxado de louco, ou coisa pior. O que fazer? Então uma luz clareou seus pensamentos e teve a brilhante ideia de mandar seu testemunho para um jornal. Assim, pelo menos atenderia ao pedido daquela alma penada. Junto ao texto, decidiu anexar a foto e o bilhete. Se aquela mulher fosse reconhecida, a Justiça seria alcançada. E assim foi feito.

O fato é que o Fantasma da Ladeira nunca mais foi avistado. Já Tomé ficou notório por sua narrativa. O caso chamou a atenção da Justiça e foi investigado, inclusive com a colaboração de Tomé, que estava à disposição da polícia. Contudo, foi diagnosticado que ele era amnésico e sofria de alucinações, e seu quadro só piorava com a bebida, a ponto de terem que interná-lo. Com o tempo, ficou louco. Mais tarde, foi relatado que a suposta mulher da foto foi encontrada morta. Junto a ela, estava uma estranha caixa vazia.





APRESENTAMOS O CONTO HORROR ALADO

POR NEY ALENCAR

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.

“Os Grifos, essas mitológicas aves híbridas e selvagens oriundas da união dos leões com as águias vivem, como bem se sabe, no topo pedregoso das montanhas mais altas, ocultos de seus inimigos mais ferrenhos, os Arimaspis de um olho só!”

— O Tesouro dos Grifos

1942. Recife Velho.

Os pingos grossos e frios de chuva tripudiaram sobre os telhados em uma cadencia ritmada, quase mesmerizante, que induzia ao sono pesado sobre a cidade envolta naquela cortina molhada!

Acima das nuvens um par de asas colossais voejava e planava, olhos cinzentos buscavam qualquer movimento pelas ruas silenciosas e vazias do labirinto humano dentro da noite.

Por um instante a criatura planou sobre as nuvens e então mergulhou penetrando pelo lençol frio, descendo em uma espiral larga até pousar como se dançasse sobre uma cabeça de gárgula da ponta de um edifício mais alto e velho que os demais.

Suas garras, como facas afiadas, cravaram-se na pedra.

Devagar ela virou a cabeçorra, o bico de águia cruel e faminto se entreabriu e um trinado foi sussurrado e se perdeu no vento que assobiava forte pelos telhados.

Pelas ruas um vulto de mulher caminhava devagar, evitando as poças de água, o guarda-chuva tremendo ao vento, perdida em pensamentos, os saltos dos sapatos repicando pelos paralelepípedos molhados com um eco mouco.

Lislene acabara de sair de seu turno no hospital, não gostava de ter que trabalhar até de madrugada, mas precisava.

O marido não fazia nada além de trabalhar naquela fábrica que mal dava para pagar o aluguel e ela acabava tendo que sustentar a casa toda.

Estava cansada daquilo já!

Não o amava mais, não sentia nada por ele nem com ele, nas poucas e rápidas vezes que ele a procurava ela apenas sentia asco e náusea.

Já com Josivaldo era tudo diferente!

Aquelas mãos grandes e largas quase a faziam desfalecer de desejo, ele a prendia completamente de uma forma que o marido jamais conseguira fazer nos quase vinte anos de casados.

Ela se derretia nele e com ele e isso era a única coisa que a fazia desejar continuar a viver.

Esses pensamentos luxuriosos tomavam toda sua atenção.

A chuva fria caía ao redor, mas seu corpo pulsava de desejo, quase não conseguia se conter, imersa na lembranças.

Não ouvia nada ao redor.

A sombra alada desceu quase sem fazer barulho atrás dela.

Apenas o bater das unhas negras sobre as pedras dos paralelepípedos pode ser ouvido pouco acima do tamborilar das gotas de chuva.

A besta abriu o bico pontiagudo e afiado e soltou um trinado alto que assustou Lislene para longe de suas lembranças lubricas.

Ela voltou-se de súbito.

A visão que surgiu por trás da cortina de chuva fez cair sobre ela um horror gelado que petrificou seus braços e pernas e uma lassidão horrenda tomou conta de si.

Não conseguia acreditar em seus olhos!

Não era possível que aquela criatura estivesse ali na sua frente.

Talvez fosse uma alucinação!

Coisas como aquela não podiam existir fora dos pesadelos mais insanos!

Não estava louca, não podia ser verdade!

Seu coração pulava descompassado quase saindo pela boca, o sangue corria desesperado por suas veias.

Ela abiu os lábios, mas não conseguiu articular nenhum som.

A criatura abriu as asas largas, e o odor pungente de sangue e morte bafejou sobre a face de Lislene.

Náusea subiu por sua garganta, o gosto ruim da bÍlis queimando-a por dentro, mas ela forçou-se a ficar quieta, não queria atrair ainda mais a atenção daquela coisa.

Havia fome naqueles olhos grandes e cinzentos que a olhavam diretamente em seus olhos, mesmerizando-a de forma que não conseguia sequer mover um músculo.

Sabia que aquela era sua morte!

Não havia nada que pudesse fazer, ninguém à quem pedir ajuda, estava sozinha!

A criatura deu um passo em sua direção, as garras arranhando contra os paralelepípedos na antecipação da caçada que se iniciava.

Lislene sentiu seu fim chegando, mas não queria terminar daquele jeito horrível, com um esforço sobre-humano, rompendo aquele encanto de medo que pairava sobre si, virou-se e correu.

As pernas pareciam pesar uma tonelada cada, os passos eram lentos e o horror cavalgava em suas costas.

Esperava a qualquer momento que a coisa a derrubasse e enfiasse aquelas garras em suas costas, mas o ataque não veio.

Houve apenas um sibilar estranho e um grunhido alto, um baque surdo com ode alguma coisa pesada caindo e depois apenas o silêncio.

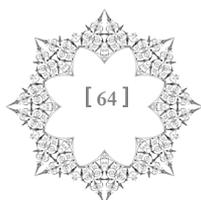
Lislene continuou correndo, não se voltou até bater na porta de casa e entrar.

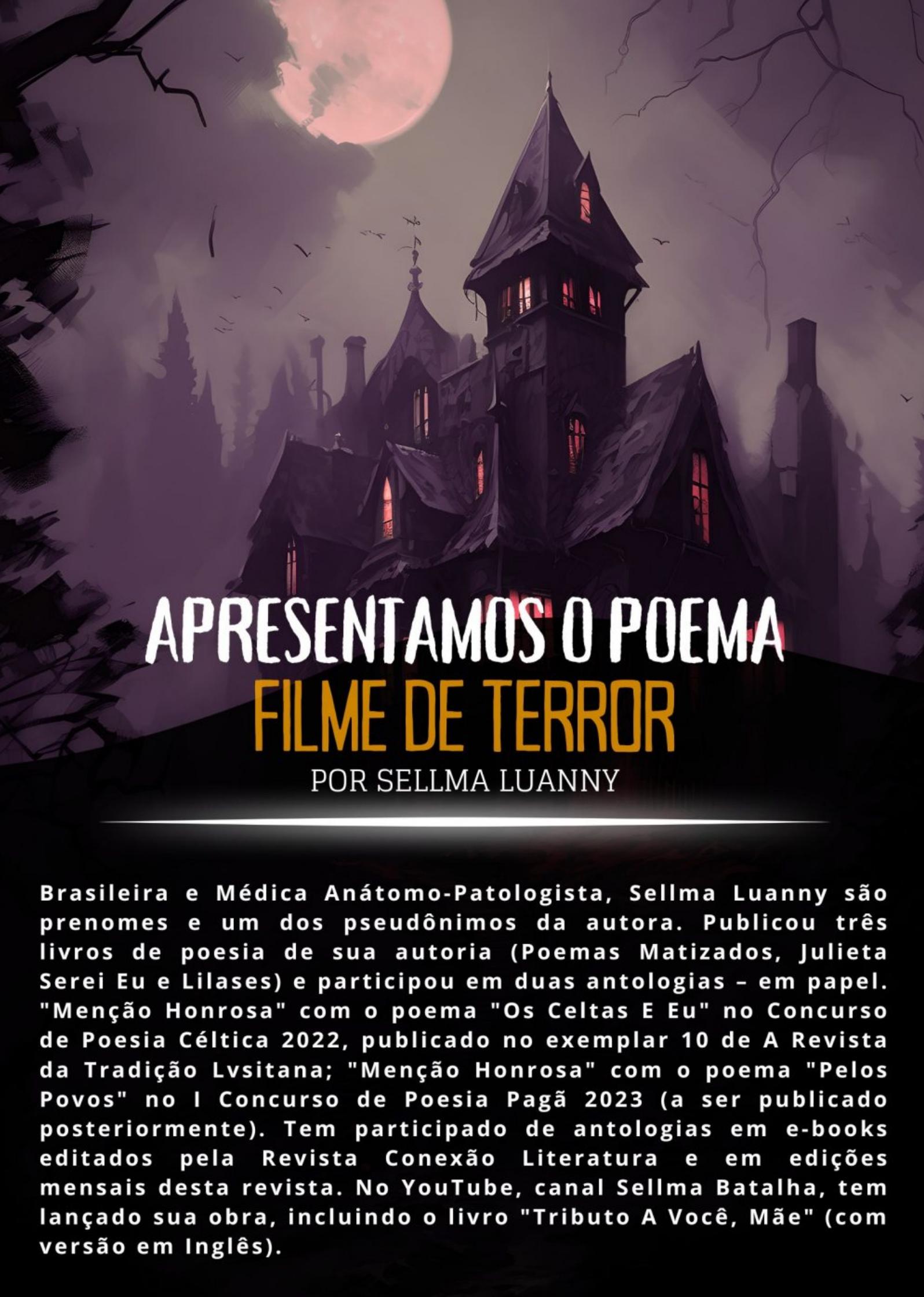
Suava frio!

Se tivesse se virado poderia talvez ter visto o vulto de um homem jovem que vestia uma toga curta e branca, a pele dourada quase da cor do sol afastava as trevas com sua luz pura, os cabelos louros e olhos verdes faiscavam na chuva forte.

Em suas costas um carcás de flechas de ouro e em suas mãos um arco curto, feito de amieiro, uma árvore que não se encontrava deste lado do grande mar.

A figura abaixou-se diante da besta morta, transpassada por uma das flechas de ouro, compridas e mortais, pegou o cadáver como se fosse um nada sem peso nenhum, jogou o corpanzil colossal nas costas e dando largas passadas pelo ar, como se subisse uma escada comprida e invisível, galgou a atmosfera e passou além das nuvens para outro lugar que os homens já não conhecem!





APRESENTAMOS O POEMA FILME DE TERROR

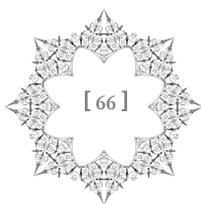
POR SELMA LUANNY

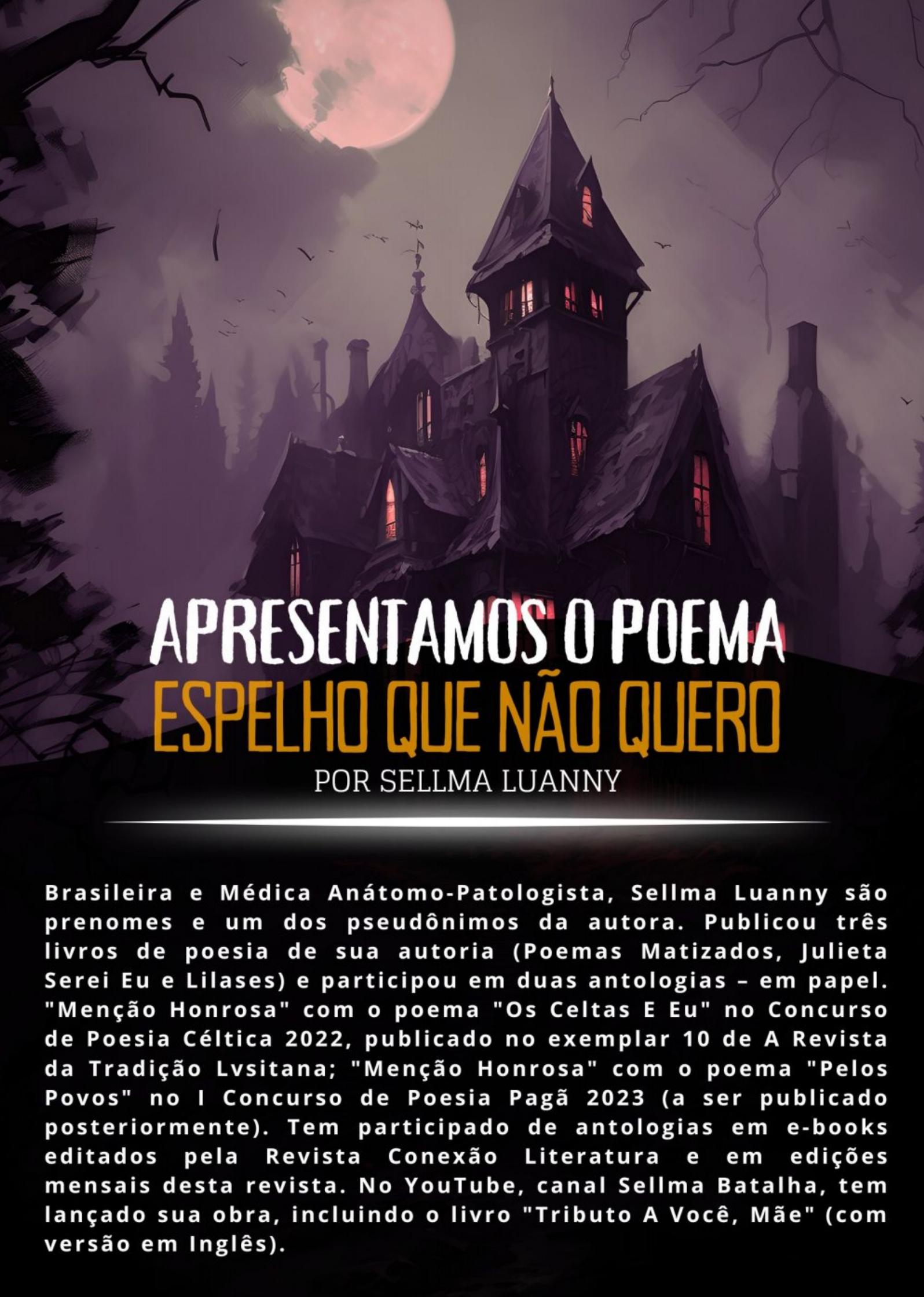
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

O planeta, pelas feridas
que não param de surgir
e cura nunca encontram,
como um gigante
mutilado, agoniza.

A humanidade, culpada
de tanto, agora se arrasta...
Um silencioso e diminuto
agente... da natureza
como a vingar o planeta.

E tudo... tudo... como
um filme de terror, a passar.
Assusta e arrepia... a todos.
E, proporcionalmente,
a um fim, parece não chegar.





APRESENTAMOS O POEMA ESPELHO QUE NÃO QUERO

POR SELMA LUANNY

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

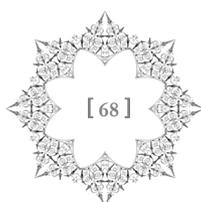
Espelho que não quero meu
multiplicou-me e me atraiu.
Quase que entrei... contive-me
se não, nem quero imaginar o ardil!

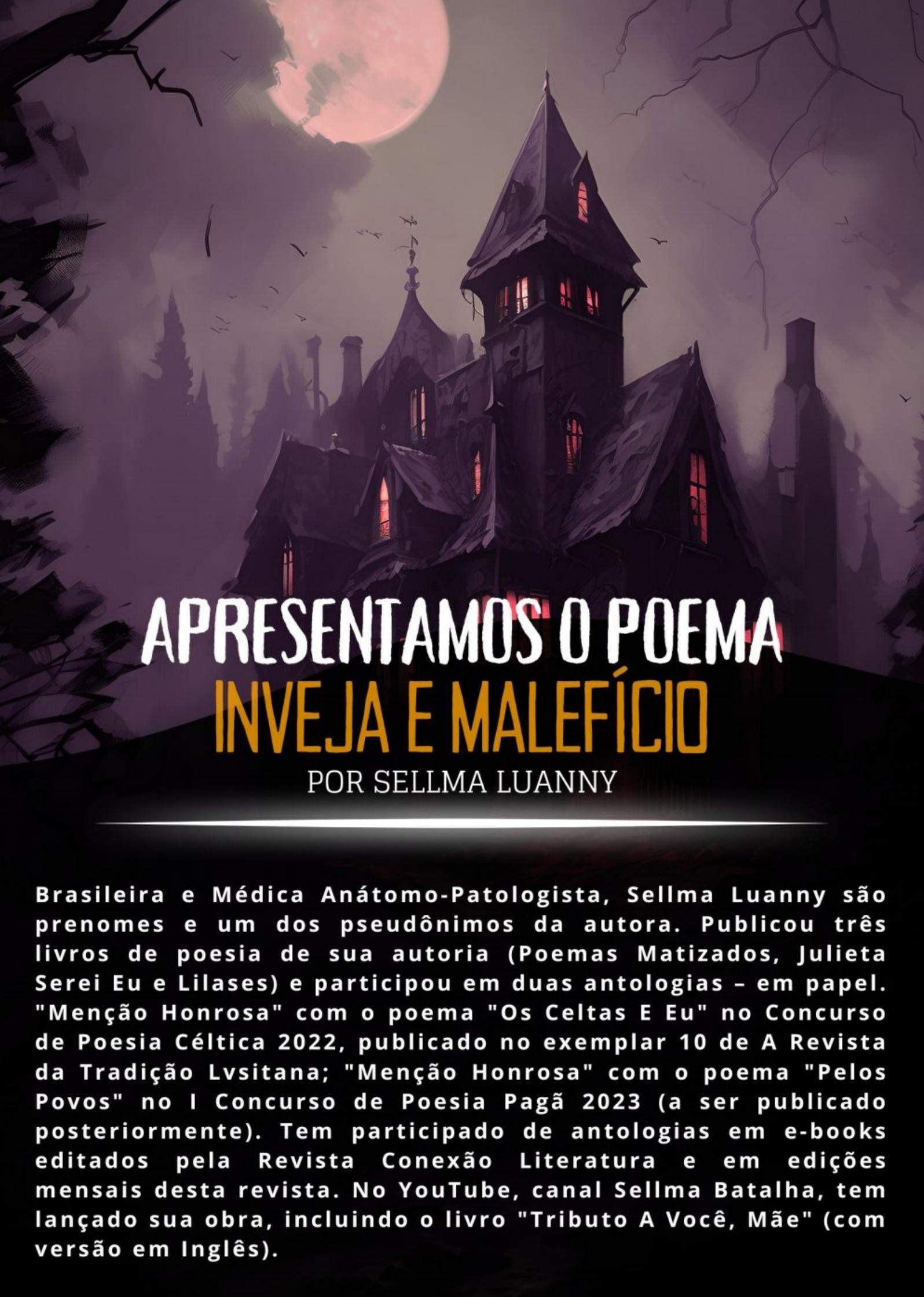
Das infinitas duplicações de mim
seria eu simplesmente mais uma?
Seria eu só... sem positivas ou
negativas cópias? Ou desapareceria?

E se num mundo então mágico, com
um infinito batalhão de mim, defrontasse?
Haveria luta, disputa... ou só o uniforme
do igual e padronizado, a seguir?

Seria o espelho uma eterna prisão
de eternas imagens de dupla dimensão?
Ou regurgitar-me-ia para a liberdade por
enfasiado ficar pelo cansativo padrão?

Espelho, espelho que meu não é,
cuidado com a revanche dos de fora!





APRESENTAMOS O POEMA INVEJA E MALEFÍCIO

POR SELLMA LUANNY

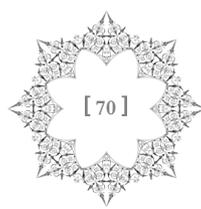
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

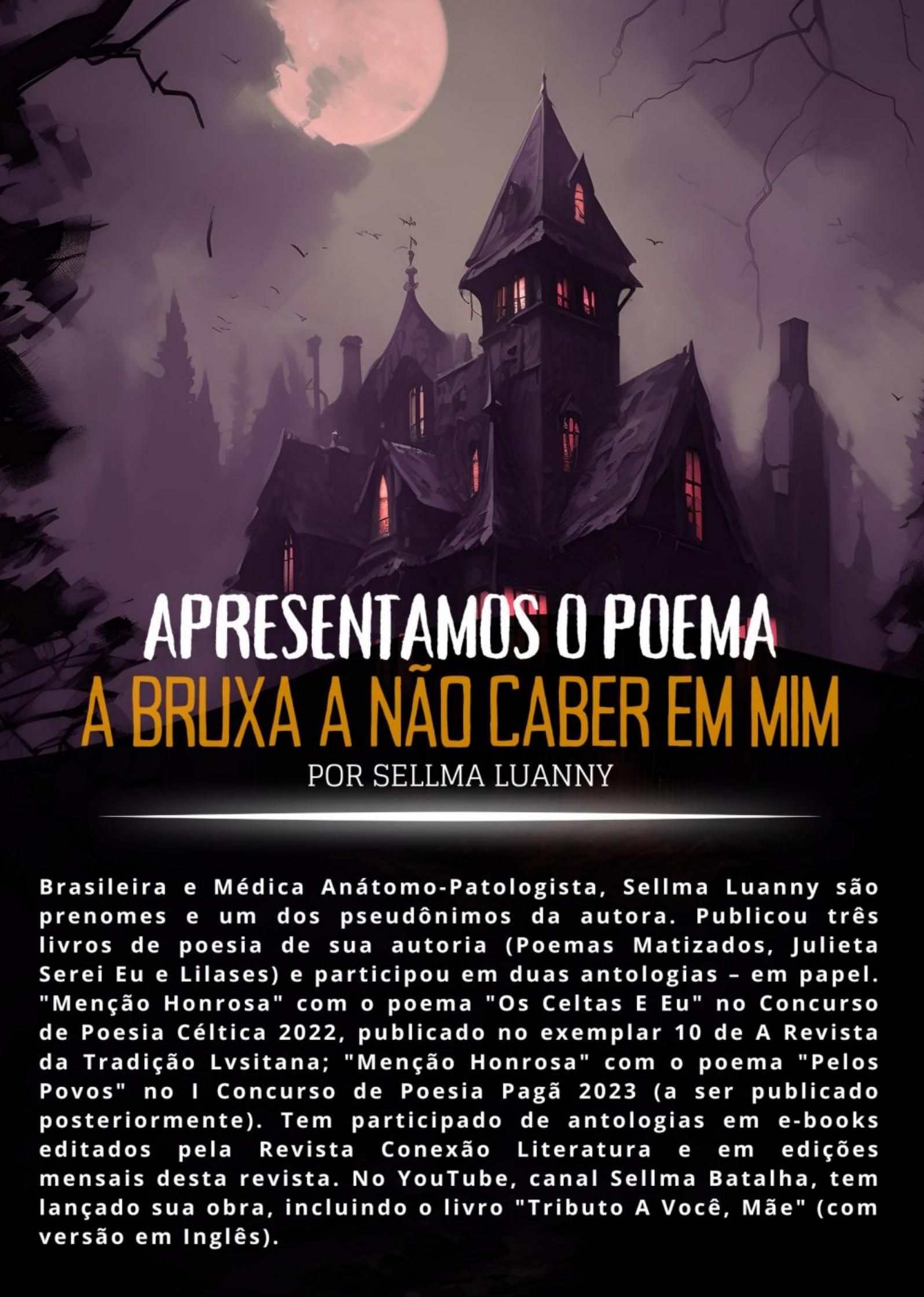
Pobre mente!
Tão cega!
Doente...

O ricochetear
da vileza
sem se perceber,
voltará.

E nunca sai
do lugar,
o disforme reflexo
da inveja.

Tolo invejoso
num pântano
de misérias,
a afundar.





APRESENTAMOS O POEMA A BRUXA A NÃO CABER EM MIM

POR SELMA LUANNY

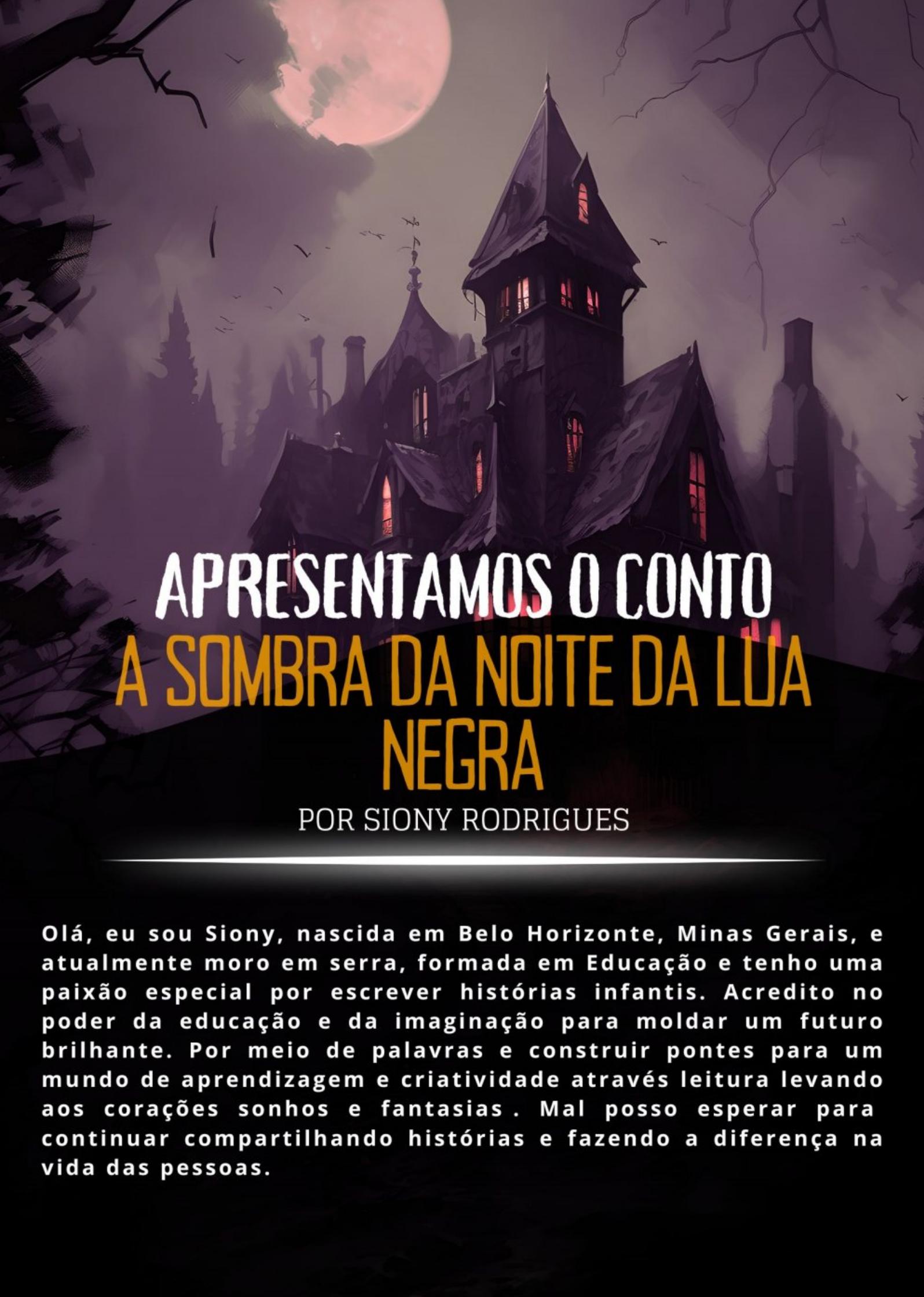
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Selma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Bem que tentativas existiram...
tempos de exaustão... e quase
desistências... tempos de melancolia...
Tempos escuros!

A ausência de luz... e força...
numa adinamia exasperante...
numa extrema dificuldade
a circundar problemas...
Quase insolúveis!

Houve tentativas... houve um
cutucar na alma... mas a bruxa
era enorme para prosperar...
era ela ou eu... e a sobrevivência
salvou-me... ou não?





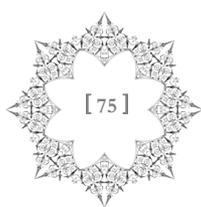
APRESENTAMOS O CONTO A SOMBRA DA NOITE DA LUA NEGRA

POR SIONY RODRIGUES

Olá, eu sou Siony, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, e atualmente moro em serra, formada em Educação e tenho uma paixão especial por escrever histórias infantis. Acredito no poder da educação e da imaginação para moldar um futuro brilhante. Por meio de palavras e construir pontes para um mundo de aprendizagem e criatividade através leitura levando aos corações sonhos e fantasias. Mal posso esperar para continuar compartilhando histórias e fazendo a diferença na vida das pessoas.

Naquela noite sombria em uma pequena cidade de Manhattan, a lua negra, com um tom metálico sob a luz cinzenta, ocupava todo o espaço. O céu refletia toda a dor e a tristeza, e o desconhecido revelava os segredos malvados escondidos dentro da lua negra, também conhecida como a lua nova, que usa toda a maldade para se disfarçar e enganar todos os olhares. A lua negra aproveitou a oportunidade para praticar todo o mal; ela batia palmas no céu imenso escuro, esperando uma oportunidade para começar a liberar todo seu veneno horrível. Naquela pequena rua morava uma linda jovem chamada Catarina, a observadora sempre ouvia sua avó contar histórias sobre A Lua Negra e como seus efeitos mudaram com a chegada da lua cheia. Ouvia histórias sinistras e aterrorizantes e sempre me deixava dormir com muito medo. No entanto, eu era forte quando estava na frente de minha vó, o que não indicava meu medo. Ela afirmou que havia uma mulher que tinha uma entidade feminina que se manifestava no corpo dela a cada dia da lua negra. Essa entidade revelava dores, angústias e desejos que haviam sido esquecidos no tempo e no vazio da alma. Para outras pessoas, era uma oportunidade de descobrir o autoconhecimento. Naquela noite obscura, Catarina estava muito curiosa e decidiu aprender sobre as antigas costumes e lendas da cidade. Seguindo o brilho encantador da lua negra, ela se perdeu pelo caminho quando descobriu que estava dentro de uma floresta encantada. O silêncio da noite se entrelaçava entre as nuvens cinzentas onde árvores altas tocavam o céu e os únicos sussurros eram interrompidos pela leveza das folhas que caíam sob seus pés. O medo assolava sua caminhada entre os arbustos. Em cada passo que ela dava entre as árvores, as sombras dançavam sobre a sombra, assustando, entoando uma luz negra que revelava seus medos e dores antigas que foram esquecidas no tempo. Catarina superou seus medos e seguiu seu caminho lutando contra eles. Na praça no centro da cidade de Manhattan, estava reunindo um grupo de pessoas que faziam parte de uma seita conhecida como os destemidos da lua negra. Os líderes espirituais da seita ecoavam uma cantiga de seus antepassados, dizendo que os sonhos poderiam aproveitar essas energias negativas para desencadear e liberar a lua negra nesta noite. O medo começava a exalar todo seu veneno entre as nuvens à medida que a noite se encontrava naquela atmosfera pacífica. A lua negra começava a controlar a alma daquela comunidade, revitalizando coisas do passado que estavam enterradas na escuridão, onde o fantasma acordava e suas sombras brilhavam na relva cinzenta daquela noite. Um jogo surpreendente começava a liberar todo seu veneno sobre o destino

daquelas pessoas, e Catarina ficou encantada com tudo que tinha visto e voltou pelo caminho da floresta encantada com a magia da lua. A cada passo que dava, o jogo terrível do terror se desenrolava. O caminho encontrou algumas pessoas; uma delas tinha cabeça baixa e olhava para baixo, e outra carregava uma lança com formato de lua. Com gotas de sangue caindo sobre o caminho dentro daquela floresta, o medo assombrava minha alma. A única coisa que me veio à mente foi que a morte tinha tomado conta daquela pobre alma, e a única coisa que estava em minha mente agora era que a busca era descobrir quem era aquele coração que já não havia mais vida. Adentro daquela floresta, a lua negra soltava sua cor metálica sobre o amor, entoava gritos entre as florestas, a morte seguia seu destino em passos doloridos, encontrando os espíritos malignos entre as árvores e o mar, muitos se encontravam naquela praia. A lua negra entoava seu cantar, e em cada dança que ele dançava, pessoas eram sacrificadas. A morte aproveitava a oportunidade de matar um inocente que já havia perdido sua vida por causa do encanto da música. Corpos sangrentos com gotas de sangue eram encontrados nas áreas do imenso mar, onde as ondas sorriam a cada gota de sangue que caía na areia, alegrando a lua negra. A Seita se entretia no céu avermelhado, entoando cada vez mais aquele canto, mas sua voz já não era a mesma. Sua voz não era suave, e sua voz se perdia entre as nuvens escuras do céu. Catarina começou a se preocupar porque estava experimentando tudo o que sua avó lhe havia contado quando ela era pequena: cenas da lua negra e do céu em um jogo de morte. As trevas guiavam minha luz interior em busca de uma resposta para o mistério da noite que a lua negra poderia sobre o céu. Catarina se despertou e apreciou o brilho da janela ao nascer do sol sob a lua crescente. Ela estava muito feliz por ter sido apenas uma noite com sonhos atormentados e seus sobrinhos aterrorizados agradeceram naquela manhã porque era apenas um sonho de sombras escondidas dentro dela que estavam apenas adormecidos. Naquela noite de lua negra, eles estavam acordados e atormentavam seu sono.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI